UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO

Raffaele Cunha Greco

Efeitos da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor e incapacidade em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. Um ensaio clínico randomizado.

Porto Alegre

2019

Raffaele Cunha Greco

Efeitos da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor e incapacidade em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. Um ensaio clínico randomizado.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Faria Silva

Porto Alegre

2019

Catalogação na Publicação

Greco, Raffaele Cunha
Efeitos da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor e incapacidade em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. : Um ensaio clínico randomizado / Raffaele Cunha Greco. -- 2019.
65 p. : il., graf., tab. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, 2019.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Faria Silva.

1. Dor Cervical. 2. Manipulações Musculoesqueléticas . 3. Tecido subcutâneo. 4. Mobilização de Tecidos Moles Assistida por Instrumentos. 5. Liberação Miofascial. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Efeitos da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor e incapacidade em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica.
Um ensaio clínico randomizado.

BANCA AVALIADORA

Dr. Rodrigo Della Méa Plentz
Programa de Pós-Graduação Ciências da Reabilitação
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Dr. Luís Henrique Telles da Rosa
Programa de Pós-Graduação Ciências da Reabilitação
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Dr. Diego Galace de Freitas
Departamento de Fisioterapia
Universidade Paulista (UNIP)

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por não medirem esforços para oportunizarem minha formação profissional, desde a graduação, em especial a minha querida mãe que sempre estará comigo onde ela estiver. À minha querida e amada esposa Michele pelo apoio e incentivo dedicados, e por estar ao meu lado nas piores dificuldades e, principalmente, pela paciência que teve comigo nesse período, enfrentando tudo com muita garra e compreensão. Se cheguei até aqui, não tenho dúvidas de que devo tudo isso a vocês, e é por vocês que eu vou seguir em frente. Eu amo vocês!

À minha filhota linda e amada Jordana que esteve sempre em meus pensamentos me dando força para seguir em frente. Te amo Filha!

A meus amigos, em especial, Émerson por abrir as portas do seu consultório para as coletas e aos amigos e colegas do grupo de estudos e pesquisa (GEFITO) por contribuírem em cada fase da pesquisa, vocês também fazem parte desta conquista. A minha colega querida colaboradora Josy responsável pelas avaliações e também ao colega Agenor que assumiu ultimamente esse posto.

Ao meu professor orientador Prof.º Dr.º Marcelo Faria Silva, pela oportunidade que me concedeu de cursar o Mestrado e por aceitar me orientar nesse estudo, por toda a dedicação e atenção destinados à sua realização, apesar das dificuldades iniciais, me incentivando constantemente e sempre contribuindo com seu conhecimento, Muito Obrigado!

À empresa Adriana Lengler onde aplicou-se o estudo, por oportunizar espaço para a realização da pesquisa, mesmo sendo meu local fixo de trabalho.

À banca examinadora, pelas contribuições no aprimoramento do estudo.

E a Deus por tudo, pois sem ele nada é possível.

"Existem homens que lutam um dia e são bons; existem outros que lutam um ano e são melhores; existem aqueles que lutam muitos anos e são muito bons. Porém, existem os que lutam toda a vida. Estes são os imprescindíveis".

Bertold Brecht

RESUMO

Introdução: As doenças Musculoesqueléticas são a segunda causa de anos vividos com incapacidade em todo o mundo, sendo a dor cervical, a 4ª maior contribuinte para a incapacidade global. A Mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) é um tratamento usado para restrição miofascial e vem sendo proposto como uma alternativa para redução da dor, incapacidade. Entretanto, há um número reduzido de estudos controlados randomizados (ECR). **Objetivos:** Comparar o efeito da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor, incapacidade e ADM em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. **Métodos:** 23 participantes com dor cervical crônica (DCC) recrutados participaram deste estudo. Os participantes foram aleatoriamente alocados para receberem seis sessões de tratamento com IASTM ou Terapia de Liberação Miofascial (TLM). Pesquisadores cegados para a alocação avaliaram os participantes quanto à intensidade de dor na cervical, incapacidade e ADM em dois momentos distintos: pré-teste e uma semana após o tratamento. A randomização foi realizada por um pesquisador não envolvido na determinação da elegibilidade, na avaliação inicial e na provisão de tratamento. A alocação oculta foi concedida usando envelopes opacos lacrados numerados, sequenciados e ordenados. **Resultados:** Após seis sessões de tratamento não houve efeito da interação entre os grupos para dor [F (1,21) = 0,110; p = 0,743], incapacidade [F (1,21) = 0,393; p = 0,538], mas a interação (tempo) teve um efeito significativo dos grupos do pré ao pós-tratamento e também o tamanho do efeito grande para as variváveis: dor: [F (1,21) = 90,505; p = 0,000], d = 4,15, incapacidade: [F (1,21) = 107,538; p = 0,000], d = 4.53, ADM (flexão) [F (1,21) = 36,135; p = 0,000], d = 2.62, (extensão) [F (1,21) = 11,673; p = 0,003], d = 1.49, (flexão lateral direita) [F (1,21) = 25,124; p = 0,000], d = 2.18, (flexão lateral esquerda) [F (1,21) = 14,733; p = 0,001], d = 1.67, (rotação direita) [F (1,21) = 4,350; p = 0,049], d = 0.91, (rotação esquerda) [F (1,21) = 9,955; p = 0,005], d = 1.37. **Conclusão:** Com base nos achados desse estudo, é possível concluir que a IASTM produziu efeitos clínicos positivos, mas não superiores a TLM. IASTM produz uma diminuição da dor local, incapacidade e aumento da ADM de pacientes com dor cervical crônica. A IASTM pode ser uma ferramenta terapêutica para auxiliar os clínicos no manejo da terapia manual.

Palavras-chave: *Dor Cervical, Manipulação Musculoesquelética, Tecido Subcutâneo, Síndrome Dolorosa Miofascial, Liberação Miofascial, Mobilização de Tecidos Moles Assistida por Instrumentos.*

ABSTRACT

Introduction: Musculoskeletal diseases are the second cause of years lived with disability worldwide, with neck pain being the 4th largest contributor to global disability. Instrument-assisted soft tissue mobilization (IASTM) is a treatment used for myofascial restraint and has been proposed as an alternative for pain reduction, disability. However, there are a small number of randomized controlled trials (RCTs). **Objectives:** To compare the effect of instrument-assisted soft tissue mobilization (IASTM) on pain, disability, and ROM in individuals with nonspecific chronic neck pain. **Methods:** 23 participants with recruited chronic neck pain (CNP) participated in this study. Participants were randomly allocated to receive six IASTM or Myofascial Release Therapy (TLM) treatment sessions. Researchers blinded to allocation assessed participants for neck pain intensity, disability, and ROM at two different times: pretest and one week after treatment. Randomization was performed by a researcher not involved in determining eligibility, initial assessment and provision of treatment. The hidden allocation was granted using numbered, sequenced and sorted sealed opaque envelopes. **Results:** After six treatment sessions there was no effect of interaction between groups for pain [F (1,21) = 0,110; p = 0.743], disability [F (1.21) = 0.393; p = 0.538], but the interaction (time) had a significant effect from the pre-posttreatment groups and also the large effect size for the variables: pain: [F (1.21) = 90.505; p = 0.000], d = 4.15, disability: [F (1.21) = 107.538; p = 0.000], d = 4.53, ROM (flexion) [F (1.21) = 36.135; p = 0.000], d = 2.62, (extension) [F (1.21) = 11.673; p = 0.003], d = 1.49, (right lateral flexion) [F (1.21) = 25.124; p = 0.000], d = 2.18, (left lateral flexion) [F (1.21) = 14.733; p = 0.001], d = 1.67, (right rotation) [F (1.21) = 4.350; p = 0.049], d = 0.91, (left rotation) [F (1.21) = 9.955; p = 0.005], d = 1.37. **Conclusion:** Based on the findings of this study, it can be concluded that IASTM produced positive clinical effects, but not superior to TLM. IASTM produces a decrease in local pain, disability, and increased ROM in patients with CNP. IASTM can be a therapeutic tool to assist clinicians in the management of manual therapy.

Key words: *Neck Pain, Musculoskeletal Manipulations, Tissue Subcutaneous, Myofascial Pain Syndrome, Myofascial Release, Instrument-Assisted Soft Tissue Mobilization*.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IASP	Associação Internacional para o Estudo da Dor
AH	Ácido Hialurônico
IASTM	Mobilização de Tecidos Moles Assistida por Instrumentos
LM	Liberação Miofascial
ADM	Amplitude de movimento
CB1	Receptor Canabinóide 1
CB2	Receptor Canabinóide 2
TLM	Terapia de Liberação Miofascial
ECM	Esternocleidomastóide
PPT	Limiar de dor à pressão
PGM	Ponto Gatilho Miofascial
END	Escala Numérica de Dor
MFT	Terapia de Liberação Miofascial
NPRS	Escala numérica de avaliação da dor
NDI	Neck Disability Index
ROM	Amplitude de movimento
CROM	Amplitude de movimento cervical

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Doenças musculoesqueléticas, definidas como doenças que afetam o sistema locomotor incluindo músculos, ossos, articulações, tendões e ligamentos, têm um impacto crescente em todo o mundo. Este impacto pode ser mensurável através de anos vividos com incapacidade. Segundo o Global Burden of Disease, as doenças Musculoesqueléticas são a segunda causa de anos vividos com incapacidade em todo o mundo (SEBBAG et al., 2019). Umas das doenças mais prevalentes, dentro deste cenário, é a dor cervical, sendo a 4ª maior contribuinte para a incapacidade global (HOY et al., 2014).

A dor cervical e o comprometimento dessa região da coluna são comuns. Estima-se que 22% a 70% da população mundial terá dor na região cervical em algum momento da vida (CÔTÉ; CASSIDY; CARROLL, 2000), (LINTON e RYBERG, 2000). Quando relacionada a disfunção associa-se a prevalência de um ano variando de 2% a 11% na população em geral, e de 11% a 14% em trabalhadores que relataram limitação em suas atividades por causa da dor cervical (PETER et. al, 2017). No Brasil a prevalência de dor cervical é estimada em 20% ao longo da vida (GENEBRA et. al, 2017), sendo essa, muito relacionada com os dados socioeconômicos, como renda e educação (HOY et. al, 2014).

Sanna Kääriä et al. (2012) conduziram um estudo onde analisaram associações de fatores sociodemográficos, condições de trabalho, estilo de vida e dor prévia na coluna vertebral com dor cervical crônica (tradução de "*Neck Pain*"). Preditores potencialmente modificáveis de dor cervical crônica entre funcionários: assédio moral no trabalho, problemas de sono e índice elevado de massa corporal em mulheres e exaustão emocional relacionada ao trabalho em homens. Em ambos os gêneros, dor cervical aguda prévia e dor lombar crônica foram preditivos de dor cervical crônica, assim como, idade avançada, ex-tabagistas, alta demanda de trabalho e baixo apoio social (MCLEAN et al. 2010).

Devido à tendência de a dor no pescoço se tornar um problema crônico, é importante identificar os fatores de risco para que possamos incentivar a prevenção e o diagnóstico precoce. Baseado nisto, uma revisão sistemática investigou 10 estudos sobre fatores físicos e psicossociais. Os autores apontaram como maior fator de risco psicossocial o humor deprimido, alto conflito de papéis e percepção de tensão muscular. Mas o fator de risco mais comumente relatado foi o trabalho em posturas inadequadas / sustentadas (KIM et al., 2018).

Das definições sobre a dor cervical, a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) em sua classificação de dor crônica define dor espinhal cervical como dor percebida em qualquer parte da região posterior da coluna cervical, da parte superior da linha nucal até o primeiro processo espinhoso torácico, baseia-se de uma análise topográfica dos sintomas e também sugere que a dor cervical pode ser subdividida em dor na coluna cervical superior e dor na coluna cervical inferior, acima ou abaixo de uma linha transversal imaginária através de C4. Para dores nos segmentos superiores da coluna cervical, a dor geralmente pode ser encaminhada para a cabeça, enquanto que dos segmentos cervicais inferiores, a dor pode ser referida à região escapular, parede torácica anterior, ombro ou membro superior. Eles também definem dor suboccipital como a dor localizada entre a linha nucal superior e C2, uma área que parece ser a fonte de dor de cabeça cervicogênica (MISAILIDOU, V. et al. 2010).

Outros autores como Guzman J. et al. (2008) conduziram uma força-tarefa sobre dor cervical e suas desordens associadas e descrevem dor no pescoço como dor localizada na região anatômica do pescoço com ou sem irradiação para a cabeça, tronco e membros superiores. Define a região posterior do pescoço, da linha nucal superior à espinha da escápula e da região lateral até a borda superior da clavícula e o encaixe supraesternal. A definição IASP limita os sintomas de dor até a vértebra T1 e não incluem as várias regiões que a dor no pescoço pode ser referida (MISAILIDOU, V. et al. 2010). A dor no pescoço é descrita como “um efeito desagradável” de experiência sensorial e emocional associada com real ou potencial “dano tecidual” na região do pescoço, que começa na linha superior da nuca e continua até o nível da espinha da escápula. A dor cervical inclui distúrbio associado a chicotada cervicogênica, dor de cabeça e radiculopatia cervical (BIER et al. 2018). Esta mesma diretriz de prática clínica classificou a dor cervical em 4 graus, sendo graus I e II incluem subgrupos específicos: dor cervical relacionado ao trauma (anteriormente conhecida como distúrbio associado ao chicote cervical (tradução de *“whiplash”*) e dor cervical relacionada ao trabalho. A primeira refere-se a dor cervical e distúrbios associados sem sinais ou sintomas sugestivos de patologia estrutural e nenhuma ou pequena interferência nas atividades da vida diária, e a segunda sendo nenhum sinal ou sintoma de patologia estrutural importante, mas grande interferência das atividades do dia a dia.

Diretrizes de prática clínica, dão aos clínicos, recomendações para fornecerem as melhores práticas, no entanto essas recomendações são muitas vezes contraditórias. Parikh P. et al. (2019) realizaram uma revisão sistemática de Guias de Prática Clínica para avaliar essas recomendações de manejo para dor cervical (diagnóstico, tratamento, prognóstico e imaginologia). Foram selecionados um total de 46 diretrizes, onde se verificou uma grande heterogeneidade nas recomendações dentro de cada objetivo clínico.

Pacientes com dor cervical podem ter várias fontes simultâneas de dor, de articulações, músculos e ligamentos (JENSEN; HARMS-RINGDAHL, 2007). No entanto, como a origem da dor específica na coluna cervical às vezes não pode ser identificada, os termos dor cervical inespecífica e dor miofascial são freqüentemente usadas, embora estes diagnósticos são feitos para fins de exclusão e são baseados apenas em determinações clínicas. De fato, poucos estudos que descrevem objetivos e métodos clinicamente aplicáveis para identificar e classificar a dor miofascial (GERWIN, 2001).

Nos últimos anos, vários estudos surgiram sobre síndrome de dor miofascial (SDM) entre pacientes que sofrem de dor no pescoço (FERNANDEZ-DE-LAS-PENAS e cols. 2006, 2007). Os tratamentos dos tecidos fasciais tornaram-se cada vez mais populares nos distúrbios musculoesqueléticos. Isso pode ser devido a achados histológicos recentes. A descoberta de células contráteis, nervos livres e mecanorreceptores sugere que a fáscia, em contraste com suposições anteriores, desempenha um papel proprioceptivo e mecanicamente ativo (BHATTACHARYA, V. et al. 2010; STECCO et. al, 2007; YAHIA, L. et al. 1992). Vários terapeutas que abordam a fáscia se orientam para conceitos de cadeias miofasciais e tais abordagens originam-se da suposição de que os músculos do corpo humano não funcionam como unidades independentes (BARKER P.J. e cols. 2004; NORTON-OLD K.J. et al. 2013; STECCO A. et al. 2013).

A etiologia da dor miofascial não é certa. Alguns sugerem uma origem central, outros periféricos. Há sim evidência de sensibilização do sistema nervoso central e de hiperalgesia e somação temporal da dor em uma área.

Outra hipótese sugeriria um processamento facilitado de mensagens de dor no sistema nervoso central, talvez manifestado pela reorganização neural no cérebro, tronco cerebral e medula espinhal (YOUNGER J.W.L. et al. 2010).

Uma revisão sistemática elaborada por Wilke J. et al. (2016) sugere que a maioria dos músculos esqueléticos do corpo humano estão diretamente ligados pelo tecido conjuntivo. O exame da relevância funcional dessas cadeias miofasciais é a tarefa mais urgente de pesquisas futuras. A transmissão de tensão ao longo dos meridianos abriria uma nova fronteira para o entendimento da dor referida e forneceria uma justificativa para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas.

Alguns autores definem a fáscia como um componente do tecido mole de tecido conjuntivo que permeia o corpo humano (HUIJING e LANGEVIN, 2009), também podendo descrevê-la como um tecido fibroso colagenoso que faz parte do sistema de transmissão de tensão em todo o corpo. A fáscia é vista como uma rede de tensão interligada que se adapta de acordo com as tensões locais e suas demandas (SCHLEIP; JAGER; KLINGLER,2012). É sugestivo que a alteração da flexibilidade fascial, medida através do deslocamento do tecido fascial sobre os músculos cervicais, verficado por meio de imagens ecográficas, poderia ser uma fonte de desalinhamento corporal, causando rigidez em pacientes com dor cervical crônica (STECCO et. al, 2007). Estes apresentam melhora da ADM cervical e dor quando são utilizadas técnicas de mobilizações miofasciais em comparação com massagem, eletroterapia e laser terapia nos músculos Esternocleidomastóide e Escalenos principalmente a longo prazo, assim como, alterações estruturais como o aumento da espessura da fáscia profunda do pescoço também reduzem com a aplicação de técnicas de mobilizações fasciais (PIEHL-AULIN et. al, 1991 e SCOTT JE, HEATLEY F, 2002).

É relatado, como componente importante da matriz extracelular no tecido fascial, o Ácido Hialurônico (AH), que é produzido por células especiais tipo macrófagos que se assemelham aos fibroblastos e estão contidos na superfície da fáscia. A densidade do AH está relacionada a espessura da fáscia (MATTEINI et. al, 2009). Um estudo mostrou que quando a concentração de Ácido Hialurônico aumenta, as cadeias deste começam a se emaranhar, contribuindo para modificar a propriedade hidrodinâmica da solução gerando o aumento da viscoelasticidade (TADMOR; CHEN; ISRAELACHVILI, 2002). O aumento dessa viscosidade pode explicar a diminuição do deslizamento entre as camadas de fibras de colágeno da fáscia, sendo percebido por pacientes com rigidez (TESARZ et. al, 2011). Um estudo baseado em um modelo matemático tridimensional avaliou o fluxo de AH em torno ou dentro da fáscia durante o deslizamento constante (técnicas miofasciais), vibração perpendicular (massagem com vibrador mecânico) e oscilação tangencial (manipulação fascial). Os autores sugerem que o uso de um massageador mecânico pode produzir um melhor deslizamento entre as diferentes estruturas anatômicas do que a terapia somente com as mãos e também, que os terapeutas que usam outras ferramentas mecânicas, como os instrumentos de aço inoxidável usados com a técnica de Graston (IASTM), podem também indicar maiores benefícios (ROMAN, M, 2013).

Pela relevância dos transtornos miofasciais, notadamente gerados por alterações mecânicas e neurofisiológicas da fáscia, há a necessidade de se agregar evidências sobre a temática, sobretudo no que diz respeito a sua abordagem terapêutica. Baseados nesses interesses, buscamos comparar duas alternativas de tratamentos bastante empregadas na fisioterapia clínica atual e no cenário da reabilitação musculoesquelética. Ambas são distintas quanto a sua aplicação e modo de atuação.

Os métodos de intervenção escolhidos – (IASTM) (*mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos*) e a terapia de liberação miofascial (TLM) (*myofascial release therapy*), originaram-se pela motivação do autor da dissertação em adquirir o conhecimento de novas evidências científicas com relação aos efeitos que essas técnicas trariam para indivíduos com dor cervical crônica, apreciada através da análise da percepção da dor, incapacidade e mobilidade.

Com as conclusões baseada nos resultados do nosso estudo, pretendemos contribuir com informações sobre os efeitos clínicos do tratamento proposto, bem como auxiliar nas intervenções fisioterapêuticas relacionada ao tema.

2. REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 CONCEITOS BÁSICOS SOBRE MIOFÁSCIA

Estudos anatômicos macroscópicos da fáscia demonstram uma série de características baseadas na localização, densidade, direção e relação da fáscia com as estruturas circundantes (STECCO, C. 2008; STECCO, C. 2007). O Comitê Federativo Internacional de Terminologia Anatômica (FICAT) descreve as seguintes fáscias:

a) em relação às regiões do corpo:

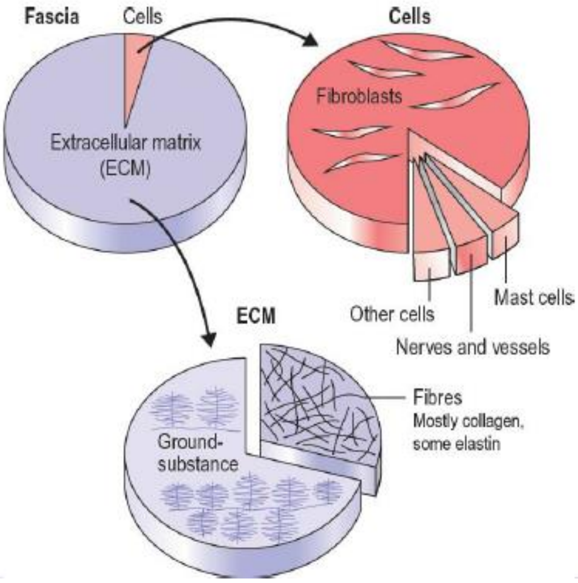
- Fáscia cabeça e pescoço, fáscia do tronco e fáscia dos membros,

b) em relação às estruturas vizinhas:

- Fáscia subcutânea, fáscia dos músculos, fáscia visceral, fáscia parietal, e fáscia extra-óssea, que representa qualquer outra fáscia que fica dentro da fáscia parietal e fora da fáscia visceral (KUMKA, M; BONAR, J. 2012).

Os tecidos conjuntivos fasciais consistem basicamente em dois componentes: células mais a matriz extracelular (ver Figura 1). Ao contrário da maioria dos outros tecidos, as células ocupam uma parte muito pequena do volume total (geralmente menos de 5%). A maioria das células são fibroblastos, que funcionam como trabalhadores de construção e manutenção da matriz circundante. A matriz consiste novamente em duas partes: substância fundamental e fibras. A substância fundamental consiste principalmente de água, que é ligada por proteoglicanos. A maioria das fibras são fibras de colágeno, com exceção de poucas fibras de elastina. Um equívoco comum é que, às vezes, a substância fundamental e a matriz são tomadas como sinônimos. No entanto, a rede de fibras de colágeno é um elemento importante da matriz (SCHLEIP, R. 2015).

Figura 1. Componentes da fáscia: os constituintes básicos são células (principalmente fibroblastos) e matriz extracelular (MEC), sendo que a última consiste em fibras mais a substância fundamental aquosa.



FONTE: fascialnet.com

2.1.1 Anatomia da Fáscia

A principal característica da fáscia, a continuidade, ajuda a explicar conceitos como transmissão da força miofascial (STECCO et al. 2009). Estudos descrevem características biomecânicas de transmissão de força extramuscular e intramuscular em amostras de ratos, os tecidos conjuntivos circundantes são vistos como influenciando a força potencial e conectam grupos musculares (HUIJING P e BAAN G. 2001; HUIJING et al. 2007). Posteriormente, foi revelado através da dissecção cuidadosa de que a fáscia geralmente ocorre como um sistema ondulado em camadas de diferentes tipos de tecidos conectivos (BENETAZZO L et al. 2011; HEDLEY G. 2008; STECCO C et al. 2009). Modelos tridimensionais das fáscias crural e tóracolombar demonstram que as fáscias são formadas por três subcamadas de tecido conjuntivo com diferentes densidades e orientações (BENETAZZO L et al. 2011; STECCO C et al. 2009). Cada subcamada as fibras de colágeno são paralelas entre si, enquanto as orientações entre as fibras das camadas adjacentes mudam, formando um ângulo de aproximadamente 70-80 graus uma com a outra. Isso permite que folhas fasciais mais densas deslizem livremente sobre as camadas subjacentes, sem fricção significativa, e aumenta a capacidade da fáscia de assumir a tensão em praticamente todas as direções (BENETAZZO L et al. 2011).

Para o termo fáscia profunda, qualquer bainha fibrosa densa que interpenetra e envolve os músculos, ossos, nervos, e vasos sanguíneos do corpo, ligando todas essas estruturas juntos em uma massa compacta e firme. Sobre ossos, é chamada periósteo, em torno dos tendões, forma o paratendão, ao redor vasos e nervos, forma a bainha neurovascular. Então, podemos considerar o paratendão, a bainha neurovascular e o periósteo como especialização da fáscia profunda, não só porque eles estão em continuidade, mas também porque eles têm as mesmas características histológicas. Podemos distinguir dois tipos principais de fáscias musculares, no entanto, de acordo com sua espessura e seus relacionamentos com os músculos subjacentes: as fáscias aponeuróticas e as fáscias epimisiais (STECCO et al. 2013).

2.1.2 Inervação

Procedimentos especiais de coloração e microscopia eletrônica demonstram que a fáscia é povoada por fibras nervosas sensoriais, sugerindo que ela contribui para a propriocepção e nocicepção, e pode responder à pressão manual, temperatura e vibração (YAHIA et al. 1992; STECCO C. 2007; TESARZ J, 2011, LANGEVIN H, 2011). Conexões fasciais em diferentes unidades motoras e diferentes sinergistas funcionais podem fornecer uma explicação alternativa para distribuições de dores referidas, que muitas vezes não seguem nem as vias nervosas nem a morfologia de um único músculo (HAN D, 2009). Muitas terminações encapsuladas encontradas na fáscia são mecanorreceptores que respondem à pressão mecânica ou deformação, e incluem receptores de Golgi, corpúsculos de Pacini e corpúsculos de Ruffini (YAHIA et al. 1992; STECCO C. 2007; SCHLEIP R, 2003).

Fede, C. et al (2016) demonstraram pela primeira vez a presença de receptores endocanabinóides em fibroblastos fasciais. A presença de receptores CB1 (cannabinoid receptor 1) e CB2 (cannabinoid receptor 2) em fibroblastos fasciais sugerem seu possível papel na modulação da dor fascial. A dor fascial geralmente está relacionada a uma inflamação fascial e/ou fibrose fascial, e ambas podem ser relacionadas a uma alteração do sistema endocanabinóide.

De fato, a ativação de receptores CB1 e CB2 é capaz de suprimir citocinas pró-inflamatórias, tais como IL-1 beta e TNF-alfa e aumentar citocinas anti-inflamatórias, e fornecer uma atividade anti-fibrótica.

Diferentes técnicas de mobilização de tecidos moles podem estimular os receptores acima: as manipulações axiais de alta velocidade e as técnicas vibratórias provavelmente estimulam os receptores de Paccini, enquanto técnicas de tecidos moles lentas e profundas provavelmente atingem Ruffini (KUMKA, M; BONAR J, 2012). Saber o que os receptores são mais significativamente concentrados em um tecido alvo particular pode ajudar um praticante manual a escolher o método de estímulo (por exemplo, pressão profunda, estiramento, tensão ou vibração) (SCHLEIP R, 2003). Entendendo que certos tipos de fáscias são mais densamente povoados com certos receptores podem ajudar na compreensão geral do corpo e criar abordagens mais eficazes para tratamentos manuais.

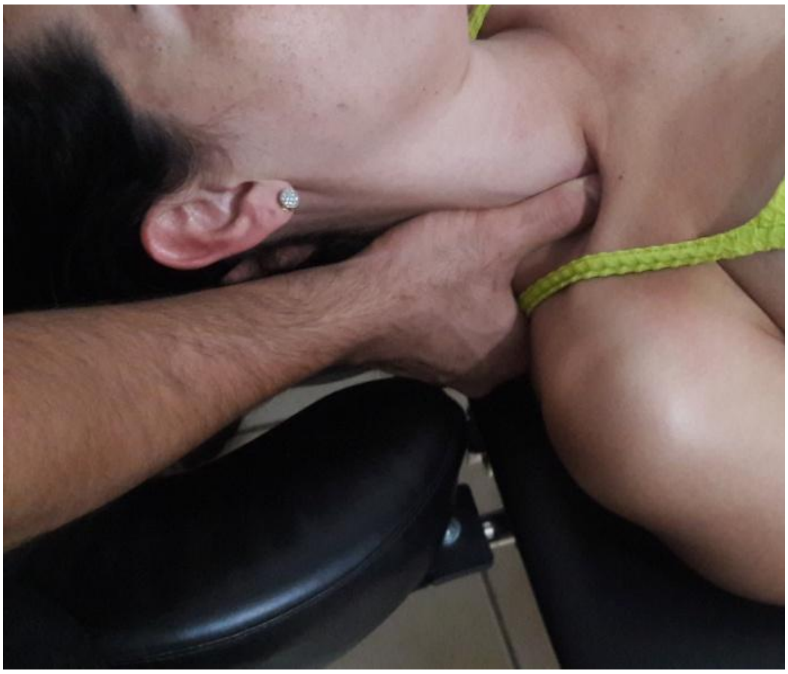
A presença de rigidez tem sido apontada por alguns autores com relação a espessura e mobilidade da fáscia. Stecco et al. (2014) documentaram que existe uma correlação entre a diminuição na amplitude de movimento da coluna cervical e o aumento da espessura da fáscia profunda do pescoço após análise de ultrassonografia dos músculos Escaleno Médio e Esternocleidomastóide em indivíduos com dor cervical crônica. Outros autores encontraram correlações significativas em indivíduos do sexo masculino com dor lombar crônica entre a tensão de cisalhamento da fáscia toracolombar e as seguintes variáveis: espessura do tecido conjuntivo perimuscular, ecogenicidade, variável de amplitude de movimento (ADM) da flexão e extensão do tronco, demonstrando que 20% dos indivíduos com dor lombar crônica apresentam diminuição da mobilidade da fáscia quando comparados com indivíduos sem dor (LANGEVIN et. al, 2011).

2.2 TÉCNICAS DE TECIDOS MOLES

2.2.1 Terapia de Liberação Miofascial

A Terapia de Liberação Miofascial (TLM) é uma forma de terapia manual que envolve a aplicação de um alongamento de longa duração e baixa carga ao complexo miofascial, destinado a restaurar o comprimento ideal, diminuir a dor e melhorar a função (AJIMSHA M; et al. 2015). Acredita-se que pelo alongamento restrito da fáscia, a TLM é capaz de normalizar o comprimento e as propriedades de deslizamento dos tecidos miofasciais liberando também a pressão das estruturas à sensibilidade a dor, e assim, restaurar a mobilidade das articulações (KATRI, L et al, 2018).

Figura 2. Aplicação da TLM sobre as fibras do músculo Escaleno Médio. Polegar direito colocado posteriormente ao músculo Esternocleidomastóide (fibras claviculares) e mão esquerda posicionada na base do Occipital.



FONTE: arquivo pessoal do autor (2016)

Diversas alternativas de tratamento têm sido propostas para o manejo das disfunções faciais. Nos últimos anos, o crescente interesse no sistema miofascial gerou um aumento nos estudos sobre a eficácia da terapia de liberação miofascial (TLM) para reduzir a dor e corrigir postura (PICELLI, A. et al. 2011). Revisões sistemáticas têm mostrado resultados variáveis em condições musculoesqueléticas, e também com relação a variabilidade da qualidade metodológica dos estudos, porém os autores referem que a TLM está emergindo como uma estratégia com uma base sólida de evidências e um tremendo potencial (KATRI, L et al, 2018; AJIMSHA M; AL-MUDAHKA NR, AL-MADZHAR

JÁ, 2015; MCKENNEY, K, 2013). Um estudo mostrou que a TLM reduziu 20% a mais a dor e limiar de dor à pressão nos músculos trapézio e esplênios, em indivíduos com dor cervical quando comparados a um programa multimodal de Fisioterapia (ultrassom, TENS e massagem) (HUGUET, R, 2018). Da mesma forma, a liberação obtida por TLM nas estruturas miofasciais superficiais e profundas do pescoço permite um melhor movimento dos órgãos relacionados a essas estruturas. Cerca de 23,33% dos indivíduos com dor cervical tiveram uma mudança "radical" no movimento de deslizamento da fáscia, enquanto que nenhuma mudança foi encontrada no grupo Controle (TOZZI, P; BONGIORNO, D; VITTURINI, C, 2011). A mobilização de tecidos moles pode trazer benefícios para estruturas adjacentes. Kim J. e Lee J. (2018) conduziram um estudo verificando os efeitos da mobilização de tecidos moles nos músculos Suboccipitais e Esternocleidomastóide (ECM) sobre a rigidez muscular e limiar de dor à pressão nos músculos Trapézio Superior e Esternocleidomastóide. Os autores sugerem que, para reduzir a dor no músculo Trapézio Superior, a intervenção não deve ser aplicada apenas diretamente ao músculo, mas também deve ser aplicado a TLM ao músculo ECM inervado pelo mesmo nervo, mostrando os efeitos das técnicas fasciais também nas estruturas adjacentes.

Do ponto de vista sistêmico, a TLM não tem apenas uma resposta neurológica local, mas as respostas podem ser desencadeadas por reflexos autonômicos (CATHCART, E et al 2019). Quando estimulados, os corpúsculos de Ruffini (nervos mecanossensíveis) têm sido associados à diminuição da inatividade do sistema nervoso autônomo (SNA), uma vez que a fáscia possui alta densidade de terminações nervosas livres que pertencem ao sistema nervoso simpático (SCHLEIP R, 2003).

2.2.1 IASTM (*mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos*)

A mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) é um tratamento utilizado mundialmente para restrição miofascial com base no raciocínio introduzido por James Cyriax (BAKER et. al, 2015), (BAKER et. al, 2013) . Ao contrário da Abordagem Cyriax utilizando fricção cruzada digital, o IASTM é aplicado usando instrumentos sobre a pele em ângulos de 30° e 60°

para detectar irregularidades nos tecidos moles através da ondulação das ferramentas (HOWITT et al., 2006; SEVIER et. al, 1995) que são especialmente projetadas para fornecer um efeito mobilizador sobre tecido mole (tecido cicatricial, adesão miofascial), assim promovendo melhora da sensação de dor e da amplitude de movimento (ADM) (BAKER et. al, 2013). Existem várias abordagens diferentes para o IASTM, cada uma das quais fornecem suas próprias ferramentas, certificação ou programas de treinamento, como a técnica Graston®, Técnica Gavilán®, Hawk Grips®, Functional and Kinetic Treatment and Rehab (FKTR)®, Adhesion Breakers® e Fascial Abrasion Technique® (SCOTT et.al, 2016). O uso dos instrumentos, em oposição às mãos do Fisioterapeuta, é indicado para proporcionar uma vantagem mecânica ao clínico permitindo uma penetração mais profunda e possivelmente aumentando a especificidade da aplicação do tratamento (PAPA, 2012), enquanto promove a redução do estresse manual ao terapeuta imposto pelos tratamentos manuais (SEVIER e STEGINK-JANSEN, 2015), (STRUNK; PFEFER; DUBE, 2014).

Figura 3. Aplicação da IASTM sobre as fibras dos músculos Trapézio Superior e Escaleno Médio. A esquerda a técnica de Fanning e a direita a técnica de Varredura.

FONTE: arquivo pessoal do autor (2017)

Alguns estudos mostram resultados com IASTM na ADM e funcionalidade em patologias músculosesqueléticas crônicas (SCHAEFER J; SANDREY M, 2012), (BURKE et. al, 2007) e (BLANCHETTE, M; NORMAND M, 2011). IASTM tem sido proposto para aumentar a proliferação de fibroblastos da matriz extracelular, melhorar o transporte de íons e diminuir as aderências da matriz (HOWITT et al., 2006; GEHLSEN et al., 1999; LOGHMANI M, WARDEN S, 2009). Assim, o IASTM tem sido sugerido como uma intervenção para patologias, como fibrose crônica, epicondilite lateral, síndrome do túnel do carpo, dedo em gatilho, fascite plantar e pontos-gatilhos miofasciais (PGM) na coluna cervical (HOWITT et al., 2006; SEVIER et al., 1995; MELHAM et al., 1998; GULICK, D, 2014; GULICK, D, 2017).

Podemos observar os efeitos da IASTM sobre a dor em diferentes condições clínicas. Um estudo identificou efeitos importantes sobre o limiar de dor à pressão (PPT) (*tradução de* pain pressure threshold) dos músculos isquiostibiais após protocolo de IASTM em comparação com técnicas como FNP e contração-relaxamento (KIM, D. et al. 2018). Outros autores conduziram um ensaio clínico randomizado sobre o efeito da IASTM sobre a dor e PPT em jogadores amadores de futebol com PGM ativos nos músculos Quadrado Lombar e Glúteo Máximo. Eles observaram uma redução significativa na dor e aumento no PPT após três sessões com IASTM em comparação à pressão isquêmica e ventosaterapia (FOUSEKIS K, 2016). Lee et al. (2016) relataram que quando a IASTM foi aplicada por 4 semanas em 30 pacientes com dor lombar crônica, a dor diminuiu significativamente. Outros autores também demonstraram que a aplicação de oito sessões de tratamento da IASTM durante 4 semanas em pacientes com polegar em gatilho foi útil na redução da dor (HOWITT S et al. 2006).

Em indivíduos com dor cervical crônica, poucos estudos foram conduzidos. Braun, M. et al (2011) realizaram um ensaio clínico randomizado e utilizaram Gua Sha como tratamento em comparação com uma terapia de controle térmico após 1 semana de follow-up. Um único tratamento de Gua sha diminuiu significativamente a intensidade da dor e melhorou a incapacidade em pacientes com dor cervical crônica, em comparação com pacientes que recebem a terapia termal. Outro estudo também observou diminuição da intensidade da dor e aumento do PPT em pacientes com dor cervical crônica após o uso do Gua Sha (LAUCHE, R. 2012). Gua Sha têm sido citado como uma técnica de IASTM, mesmo tendo aplicações diferentes (CHEATHAM, S, 2016). Gulick, D (2017) também verificou o efeito sobre o PPT da IASTM sobre PGM no músculo trapézio superior após 6 sessões em 3 semanas, identificando um aumento significativo no PPT após o tratamento em comparação ao grupo controle.

Observamos efeitos importantes da IASTM sobre a ADM e alguns estudos sugerem isso (BAKER et al., 2013; Kim et al., 2014; Laudner et al., 2014; HUSSEY, M et al. 2018; ROWLETT, C et al. 2019; IKEDA, N et al. 2019). Um estudo mostrou que a intervenção com IASTM induziu aumentos agudos estatisticamente significantes e praticamente relevantes na ADM de joelho e quadril que ainda estavam presentes 24 horas após a aplicação. Os autores descrevem um aumento duas vezes maior quando comparados com auto-liberação miofascial (*Foam Roller*) (MARKOVIC, G 2015). Merkle et al. (2016) indicaram que a aplicação de duas sessões da IASTM por semana, durante 3 semanas, em jogadores de beisebol colegiais saudáveis, melhorou significativamente a ADM dos isquiotibiais, enquanto Heinecke et al. (2014) mencionaram que a aplicação de duas sessões do IASTM por semana, durante 4 semanas, na área do ombro de jogadores de beisebol e voleibol colegiais, foi útil na prevenção de uma perda de ADM. Uma única sessão da IASTM ou alongamento nos músculos Gastrocnêmios e Sóleo aumentou a ADM de dorsiflexão do tornozelo em sessenta participantes saudáveis. Tanto o IASTM como o alongamento parecem ter um efeito maior sobre a flexibilidade do músculo Sóleo (ROWLETT, C et al. 2019). Gamboa, A (2019) também encontraram diminuição do ângulo do tornozelo no grupo experimental mostrando que o IASTM aumentou a ADM, permitindo maior flexão dorsal durante a parte mais profunda do agachamento com maiores ganhos na ADM encontrada ao longo do tempo durante o período de manutenção.

Embora observamos um crescente aumento de pesquisas nessa área, ainda precisamos avançar no que diz respeito a qualidade metodológica dos estudos na área da IASTM. As 3 últimas revisões sistemáticas sobre o tema são divergentes com relação aos seus resultados em condições musculoesqueléticas. Lambert, M (2017) recomendam a utilização da IASTM como sendo uma intervenção e tratamento eficazes para reduzir a dor e melhorar a função em um período menor de três meses. Já Cheatham, S et al. (2016) e Nazari, G et al. (2019) apontam que as evidências atuais não suportam o uso do IASTM para melhorar a dor, a função ou a amplitude de movimento. Esse último estudo mostra que todas as pesquisas incluídas na revisão eram de baixa qualidade metodológica, deixando uma lacuna para novas evidências (NAZARI, G et al. 2019).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Verificar e comparar o efeito da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor, incapacidade e ADM em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a caracterização de indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica.
- Descrever e comparar em ambos os grupos, os momentos pré-intervenção, pós-intervenção num período de 3 semanas de acompanhamento, a intensidade de dor cervical utilizando a escala numérica de dor (END); a autopercepção de incapacidade utilizando o *Neck Disability Index* (NDI); as amplitudes de movimento (ADM) da coluna cervical – flexão, extensão, rotações e inclinações direita e esquerda através de um flexímetro pendular.

4. REFERÊNCIAS

AJIMSHA MS; AL-MUDAHKA NR, AL-MADZHAR JA. Effectiveness of myofascial release: systematic review of randomized controlled trials. **J Bodyw Mov Ther.** 2015 Jan;19(1):102-12.

BAKER RT, et al. A novel approach for the reversal of chronic apparent hamstring tightness: a case report. **Int J Sports Phys Ther**.;10(5):723-733. 2, 2015.

BAKER RT, et al. Instrument assisted soft tissue mobilization treatment for Tissue extensibility dysfunction**. Int J Athl Ther Training**.;18(5):16-21, 2013.

BARKER PJ, BRIGGS CA, BOGESKI G. Tensile transmission across the lumbar fasciae in unembalmed cadavers: effects of tension to various muscular attachments. **Spine**;29:129-38, 2004.

BENETAZZO L, BIZZEGO A, DE CARO R, et al. 3D reconstruction of the crural and thoracolumbar fasciae. **Surg Radiol Anat**. 2011. Published Online 4 January.

BHATTACHARYA, Visweswar; BAROOAH, Partha Sarathi; BHATTACHARYA, Siddhartha. Detail microscopic analysis of deep fascia of lower limb and its surgical implication.. **Indian J Plast Surg**. 2010;43(2):135–140.

BIER, Jasper D; WENDY G.M. Scholten-Peeters; STAAL, J. Bart et. al. Clinical Practice Guideline for Physical Therapy Assessment and Treatment in Patients With Nonspecific Neck Pain. **Physical Therapy** Volume 98 Number 3, 2018.

BLANCHETTE MA, NORMAND MC. Augmented soft Tissue mobilization vs natural history in the treatment of lateral epicondylitis: a pilot study. **J Manipulative Physiol Ther.**;34(2):123-130, 2011.

BLANPIED, Peter R; GROSS, R. Anita; ELLIOTT, M. James. et al. Neck Pain: Revision 2017 Clinical Practice Guidelines Linked to the International Classification of Functioning, Disability and Health From the Orthopaedic Section of the American Physical Therapy Association**. J Orthop Sports Phys Ther**.;47(7):A1-A83, 2017.

BOGDUCK N, MCGUIRK, B. **Management of acute and chronic neck pain: an evidence based approach. Pain research and clinical management**. 1st ed. Philadelphia: Elsevier; 2006. p. 3-20.

BRAUN, Maximilian; SCHWICKERT, Miriam; NIELSEN, Arya et al. Effectiveness of Traditional Chinese “Gua Sha” Therapy in Patients with Chronic Neck Pain: A Randomized Controlled Trial. **Pain Medicine** 2011; 12: 362–369.

BURKE J, et al. A pilot study comparing two manual therapy interventions for carpal tunnel syndrome. **J Manipulative Physiol Ther**.;30(1):50-61, 2007.

CATHCART, Ellie; MCSWEENEY, Terence; JOHNSTON, Ross; YOUNG, Hayley; EDWARDS, Darren J. Immediate biomechanical, systemic, and interoceptive effects of myofascial release on the thoracic spine: A randomised controlled trial. **Journal of Bodywork & Movement Therapies** 23 (2019) 74e81.

CHEATHAM, Scott W; LEE, Matt; CAIN, Matt. et al. The efficacy of instrument assisted soft Tissue mobilization: a systematic review. **J Can Chiropr Assoc** 2016; 60(3).

CÔTÉ P, CASSIDY JD, CARROLL L. The factors associated with neck pain and its related disability in the Saskatchewan population. **Spine** (Phila Pa 1976).;25:1109-1117, 2000.

DE-LAS-PEÑAS, Fernandez C, ALONSO-BLANDO, C; CUADRADO, ML; GERWIN, RD; PAREJA, JA. Trigger points in the suboccipital muscles and forward head posture in tension-type headache. **Headache**. 2006;46:454-460.

DE-LAS-PEÑAS, Fernandez C, ALONSO-BLANDO, C; MIANGOLARRA, J.C. Myofascial trigger points in subjects presenting with mechanical neck pain: a blinded, controlled study. **Manual Therapy** 12 (2007) 29–33.

DE-LAS-PEÑAS, Fernandez C; ALONSO-BLANCO, C; CUADRADOM, ML; GERWIN, RD; PAREJA, JA. Myofascial trigger points and their relationship to headache clinical parameters in chronic tension-type headache. **Headache**. 2006; 46:1264-1272.

FEDE C, ALBERTIN G, PETRELLI L, SFRISO MM, BIZ C, DE CARO R, STECCO C. Expression of the endocannabinoid receptors in human fascial tissue**. Eur J Histochem**. 2016 Jun 28;60(2):2643.

FOUSEKIS K, KOUNAVI E, DORIADIS S.et al. The Effectiveness of Instrument-assisted Soft Tissue Mobilization Technique (Ergon© Technique), Cupping and Ischaemic Pressure Techniques in the Treatment of Amateur Athletes´ Myofascial Trigger Points. **J Nov Physiother** (2016) S3: 009.

GAMBOA, Alejandro J; CRAFT Derik R.; MATOS, Jose A. et al. Functional Movement Analysis Before and After Instrument-Assisted Soft Tissue Mobilization. **Int J Exerc Sci** 12(3): 46-56, 2019.

GEHLSEN GM, GANION LR, HELFST R. Fibroblast responses to variation in soft tissue mobilization pressure. **Med Sci Sports Exerc**.;31(4):531-535, 1999.

GENEBRA, Caio Vitor Dos Santos; MACIEL, Nicoly Machado; VITTA, Alberto De. Prevalence and factors associated with neck pain: a population-based study**. Braz J Phys Ther**. ;21(4):274-280, 2017.

GERWIN, Robert D. Classification, epidemiology, and natural history of myofascial pain syndrome**. Curr Pain Headache Rep** 5(5):412–420, 2001.

GULICK, Dawn T. Influence of instrument assisted soft Tissue treatment techniques on myofascial trigger points. **J Bodyw Mov Ther**.;18(4):602-607, 2014.

GULICK, Dawn T. Instrument-assisted soft tissue mobilization increases myofascial trigger point pain threshold**. Journal of Bodywork & Movement Therapies**. (2017) 1e5.

GUZMAN J, HURWITZ EL, CARROL LJ, et al. A new conceptual model of neck pain: linking onset, course, and care: results of the Bone and Joint Decade 2000-2010 Task Force on Neck Pain and Associated Disorders. **J Manipul Physiol Ther**. 2009;32(suppl 2),S70-S86.

HAN D. The other mechanism of muscular referred pain: The “connective tissue” theory. **Med Hypotheses**. 2009; 73(3):292–295.

HEDLEY G. Demonstration of the integrity of human superficial fascia as an autonomous organ. **J Bodyw Mov Ther**. 2008; 12(3):258.

HOWITT, S., WONG, J., ZABUKOVEC, S. The conservative treatment of trigger thumb using Graston techniques & active release techniques. **J. Calif. Chiropr. Assoc**. 50 (4), 249e254, 2006.

HOY, Damian; MARCK, Lyn; WOOLF, Anthony, et al. The global burden of neck pain:estimates from the Global Burden of Disease 2010 study. **Ann Rheum Dis**.;73:1309---1315, 2014.

HUGUET, RM, et. al. Effects of Myofascial Release on Pressure Pain Thresholds in Patients With Neck Pain. A Single-Blind Randomized Controlled Trial**. Am J Phys Med Rehabil** 2018;97:16–22.

HUIJING P, BAAN G. Extramuscular myofascial force transmission within the rat anterior tibial compartment: proximo-distal differences in muscle force. **Acta Physiol Scand**. 2001; 173:297–311.

HUIJING PA, VAN DE LANGEN, Berg R, MEESTERS J, BAAN G. Extramuscular myofascial force transmission also occurs between synergistic muscles and antagonistic muscles. **J Electromyogr Kinesiol**. 2007; 17(6):680–689.

HUIJING, P.O., LANGEVIN, H.M. Communicating about fascia: history, pitfalls and recommendations**. Int. J. Ther. Massage Bodyw**. 2 (4), 3e8, 2009.

HUSSEY, MJ; BORON-MAGULICK, AE; VALOVICH, McLeod TC, et al. The Comparison of Instrument-Assisted Soft Tissue Mobilization and Self-Stretch Measures to Increase Shoulder Range of Motion in Overhead Athletes: A Critically Appraised Topic**. J Sport Rehabil**. 2018 Jul 1;27(4):385-389.

IKEDA N, OTSUKA S, KAWANISHI Y. et al. Effects of Instrument-assisted Soft Tissue Mobilization on Musculoskeletal Properties. **Med Sci Sports Exerc**. 2019.

JENSEN I, HARMS-RINGDAHL K. Neck pain. Best Pract Res Clin **Rheumatol** 21:93–108, 2007.

KÄÄRIÄ, Sanna; LAAKSONEN, Mikko; RAHKONEN, Ossi. Risk factors of chronic neck pain: A prospective study amongmiddle-aged employees**. Eur J Pain**16(2012) 911–920.

KATRI, Laimi; ANNIKA, Mäkilä; ESA, Bärlund et al. Effectiveness of myofascial release in treatment of chronic musculoskeletal pain: a systematic review. **Clinical Rehabilitation** 2018, Vol. 32(4) 440–450.

KIM DH; KIM TH; JUNG DY; WEON JH. Effects of the Graston technique and self-myofacial release on the range of motion of a knee joint. **J Korean Soc Phys Med** 2014; 9:455-463.

KIM, Do Hyun; LEE, Jae Jin; YOU, Joshua (Sung) Hyun. Effects of instrument-assisted soft Tissue mobilization technique on strength, knee joint passive stiffness, and pain threshold in hamstring shortness. **Journal of Back and Musculoskeletal Rehabilitation** -1 (2018) 1–8.

KIM, Seong-Joong; LEE, Jung-Hoon. Effects of sternocleidomastoid muscle and suboccipital muscle soft tissue release on muscle hardness and pressure pain of the sternocleidomastoid muscle and upper trapezius muscle in smartphone users with latent trigger points**. Medicine** (2018) 97:36.

KIN, Rebecca; WIEST, Colin; CLARK, Kelly et al. Identifying risk factors for first-episode neck pain: A systematic review. **Musculoskeletal Science and Practice** 33 (2018) 77–83.

KUMKA, Myroslava; BONAR, Jason. Fascia: a morphological description and classification system based on a literature review. **J Can Chiropr Assoc** 2012; 56(3).

LAMBERT, Matheww; HITCHCOCK, Rebecca; LAVALLEE, Kelly et al. The effects of instrument-assisted soft Tissue mobilization compared to other interventions on pain and function: a systematic review. **Physical Therapy Reviews** 2017.

LANGEVIN HM, et al. Reduced thoracolumbar fascia shear strain in human chronic low back pain. **BMC Musculoskelet Disord**.;12:203, 2011.

LAUCHE, Romy; WÜBBELING, Klaus; LÜDTKE, Rainer et al. Randomized Controlled Pilot Study: Pain Intensity and Pressure Pain Thresholds in Patients with Neck and Low Back Pain Before and After Traditional East Asian "Gua Sha" Therapy. **The American Journal of Chinese Medicine**, 2012 Vol. 40, No. 5, 905–917.

LAUDNER K, COMPTON BD, MCLODa TA, WALTERS CM. Acute effects of instrument assisted soft tissue mobilization for improving posterior shoulder range of motion in collegiate baseball players. **Int J Sports Phys Ther** 2014 ;9:1-7.

LEE JH, LEE DK, OH JS. The effect of Graston technique on the pain and range of motion in patients with chronic low back pain. **J Phys Ther Sci** 2016;28:1852-1855.

LINTON, Steven J; RYBERG Marianne. Do epidemiological results replicate? The prevalence and health-economic consequences of neck and back pain in the general population. **Eur J Pain** ;4:347-354, 2000.

LOGHMANI MT, WARDEN SJ. Instrument-assisted crossfiber massage accelerates knee ligament healing. **J Orthop Sports Phys Ther**.;39(7):506-514, 2009.

MARKOVIC G. Acute effects of instrument assisted soft tissue mobilization vs. foam rolling on knee and hip range of motion in soccer players. **J Bodyw Mov Ther** 2015;19:690-696.

MATTEINI P, et. al. Structural behavior of highly concentrated hyaluronan. **Biomacromolecules** 10(6):1516–1522, 2009.

MCKENNEY, Kristin; ELDER, Amanda Sinclair; ELDER, Craig; HUTCHINS, Andrea. Myofascial Release as a Treatment for Orthopaedic Conditions: A Systematic Review**. Journal of Athletic Training** 2013;48(4):522–527.

MCLEAN, Sionnadh Mairi; MAY, Stephen; KLABER-MOFFETT, Jeniffer et. al. Risk factors for the onset of non-specific neck pain: a systematic review**.** J **Epidemiol Community Health**.;64:565-572, 2010.

MELHAM, T.J., SEVIER, T.L., MALNOFSKI, M.J. et al. Chronic ankle pain and fibrosis successfully treated with a new noninvasive augmented technique. Med. **Sci. Sports Exerc**. (1998) 30 (6), 801e804.

MISAILIDOU, Victoria; MALLIOU, Paraskevi; BENEKA, Anastasia et al. Assessment of patients with neck pain: a review of definitions, selection criteria, and measurement tools. **Journal of Chiropractic Medicine** (2010) 9, 49–59.

NAZARI, Goris; BOBOS, Pavlos; MACDERMID, Joy C et al. The Effectiveness of Instrument-Assisted Soft Tissue Mobilization in Athletes, Healthy Participants and Individuals with Upper/Lower Extremity and Spinal Conditions. A Systematic Review. **Arch Phys Med Rehabil**. 2019.

NORTON-OLD KJ,et. al. Anatomical and mechanical relationship between the proximal attachment of adductor longus and the distal rectus sheath. **Clin Anat**;26:522-30, 2013.

PAPA JA. Conservative management of De Quervain's stenosing tenosynovitis: a case report. **J Can Chiropr Assoc**.;56(2):112-120, 2012.

PARIKH, Pulak; SANTAGUIDA, Pasqualina; MACDERMID, Joy. Comparison of CPG's for the diagnosis, prognosis and management of non-specific neck pain: a systematic review**. Musculoskeletal Disorders** (2019) 20:81 1-13.

PICELLI A, LEDRO G, TURRINA A, et al: Effects of myofascial technique in patients with subacute whiplash associated disorders: A pilot study. **Eur J Phys Rehabil Med** 2011; 47:561Y8.

PIEHL-AULIN K et al. Hyaluronan in human skeletal muscle of lower extremity: concentration, distribution, and effect of exercise. **J Appl Physiol** 71(6):2493–2498, 1991.

ROMAN, Max; CHAUDHRY, Hans; BUKIET, Bruce et al. Mathematical Analysis of the Flow of Hyaluronic Acid Around Fascia During Manual Therapy Motions. **The Journal of the American Osteopathic Association** August 2013, Vol 113 No. 8

ROWLETT CA, HANNEY WJ, PABIAN OS. et al. Efficacy of instrument-assisted soft tissue mobilization in comparison to gastrocnemius-soleus stretching for dorsiflexion range of motion: A randomized controlled trial. **J Bodyw Mov Ther**. 2019 Apr;23(2):233-240.

SCHAEFER JL, SANDREY MA. Effects of a 4-week dynamic-balance-training program supplemented with Graston instrument-assisted soft-tissue mobilization for chronic ankle instability. **J Sport Rehabil**.;21(4):313-326, 2012.

SCHLEIP R. Fascial plasticity—a new neurobiological explanation: Part 1: **J Bodyw Mov Ther**. 2003; 7(1):11–19.

SCHLEIP, R., JAGER, H., KLINGLER, W. What is ‘fascia’? A review of different Nomenclatures**. J. Bodyw. Mov. Ther**. 16, 496e502, 2012.

SCHLEIP, Robert. **Fascia in Sport and Movement**. Handspring Publishers 2015 pg. 27-28.

SCOTT JE, HEATLEY F. Biological properties of hyaluronan in aqueous solution are controlled and sequestered by reversible tertiary structures, defined by NMR spectroscopy. **Biomacromolecules** 3(3):547–553, 2002.

SCOTT W. et. al. The efficacy of instrument assisted soft Tissue mobilization: a systematic review. **J Can Chiropr Assoc**; 60(3), 2016.

SEBBAG, Eden; FELTEN, Renaud; SAGEZ, Flora, et al. The world-wide burden of musculoskeletal diseases: a systematic analysis of the World Health Organization Burden of Diseases Database. **Ann Rheum Dis** 2019;78:844–848.

SEVIER TL, STEGINK-JANSEN CW. Astym treatment vs. eccentric exercise for lateral elbow tendinopathy: a randomized controlled clinical trial. **PeerJ**.;3:e967, 2015.

SEVIER, T.L. et. al., Traditional physical therapy vs Graston Technique augmented soft tissue mobilization in treatment of lateral epicondylitis. **J. Am. Coll. Sports Med**. 27 (5), 1995.

STECCO A, et. al Ultrasonography in myofascial neck pain: randomized clinical trial for diagnosis and follow-up. **Surg Radiol Anat**.;36:243–53, 2014.

STECCO A, MACCHI V, STECCO C, et al. Anatomical study of myofascial continuity in the anterior region of the upper limb. **J Bodyw Mov Ther**. 2009; 13(1):53–62.

STECCO C, PAVAN P, PORZIONATO A, et al. Mechanics of crural fascia: from anatomy to constitutive modeling. **Surg Radiol Anat**. 2009; 31(7):523–529.

STECCO Carla, et al. Anatomy of the deep fascia of the upper limb. Second part: study of innervation**. Morphologie**; 91:38-43, 2007.

STECCO, A; GILLIAR; W; HILL; R. et al. The anatomical and functional relation between gluteus maximus and fascia lata. **J Bodyw Mov Ther**. (2013) 17(4): 512–517.

STECCO, Antonio; GEST, Marco; STECCO, Carla; STERM, Robert. Fascial Components of the Myofascial Pain Syndrome**. Curr Pain Headache Rep** (2013) 17:352.

STECCO, C; PORZIONATO, A; LANCEROTTO, L et al. Histological study of the deep fascia of the limbs. **J Bodyw Mov Ther**. 2008; 12(3):225–230.

STRUNK RG, PFEFER MT, DUBE D. Multimodal chiropractic care of pain and disability for a patient diagnosed with benign joint hypermobility syndrome: a case report. **J Chiropr Med**.;13(1):35-42, 2014.

TADMOR R, CHEN N, ISRAELACHVILI JN. Thin film rheology and lubricity of hyaluronic acid solutions at a normal physiological concentration. **J Biomed Mater Res** 61(4):514–523, 2002.

TESARZ J, et. al. Sensory innervation of the thoracolumbar fascia in rats and humans. **Neuroscience** 194:302–308, 2011.

TOZZI, Paolo; BONGIORNO, Davide; VITTURINI, Claudio. Fascial release effects on patients with non-specific cervical or lumbar pain. **Journal of Bodywork and Movement Therapies** 15, 2011, Pages 405-416.

WILKE, Jan; KRAUSE, Frieder; VOGT, Lutz et al. What Is Evidence-Based About Myofascial Chains: A Systematic Review. **Archives of Physical Medicine and Rehabilitation** Volume 97, Issue 3, 2016, Pages 454-461.

YAHIA, L; RHALMI, S; NEWMAN, N et al. Sensory innervation of human thoracolumbar fascia. An immunohistochemical study. **Acta Orthop Scand**. 1992 Apr;63(2):195-7.

YOUNGER JW; SHEN YF; GODDARD G, et al. Chronic myofascial temporomandibular pain is associated with neural abnormalities in the trigeminal and limbic systems. **Pain** (2010) 149:222–228.

5 ARTIGO

Effects of instrument-assisted soft tissue mobilization (IASTM) on pain and disability in individuals with non-specific chronic neck pain. A randomized clinical trial.

To be submitted to the journal Musculoskeletal Science and Practice.
Impact factor: 1.725

Raffaele Cunha Greco[1], Josemary da Silva Araújo Lima Pereira[2], Marcelo Faria Silva[3]

[1] Physiotherapist, Student of the Science of Rehabilitation Postgraduate Program of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, UFCSPA, Porto Alegre, RS, Brazil.
[2] Physiotherapist.
[3] Adjunct teacher of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, UFCSPA, Porto Alegre, RS, Brazil.

Correspondent Author:
Raffaele Cunha Greco, PT
Science of Rehabilitation Postgraduate Program
Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, UFCSPA.
245 Sarmento Leite Street - Porto Alegre, RS, Brazil - Zip code: 90050-170
Phone: +55-51-992033035
Email: cunhagreco@yahoo.com.br.

ABSTRACT

Introduction: Musculoskeletal diseases are the second cause of years lived with disability worldwide, with neck pain being the 4th largest contributor to global disability. Instrument-assisted soft tissue mobilization (IASTM) is a treatment used for myofascial restraint and has been proposed as an alternative for pain reduction, disability. However, there are a small number of randomized controlled trials (RCTs). **Objectives:** To compare the effect of instrument-assisted soft tissue mobilization (IASTM) on pain, disability, and ROM in individuals with nonspecific chronic neck pain. **Methods:** 23 participants with recruited chronic neck pain (CNP) participated in this study. Participants were randomly allocated to receive six IASTM or Myofascial Release Therapy (TLM) treatment sessions. Researchers blinded to allocation assessed participants for neck pain intensity, disability, and ROM at two different times: pretest and one week after treatment. Randomization was performed by a researcher not involved in determining eligibility, initial assessment and provision of treatment. The hidden allocation was granted using numbered, sequenced and sorted sealed opaque envelopes. **Results:** After six treatment sessions there was no effect of interaction between groups for pain [F (1,21) = 0,110; p = 0.743], disability [F (1.21) = 0.393; p = 0.538], but the interaction (time) had a significant effect from the pre-posttreatment groups and also the large effect size for the variables: pain: [F (1.21) = 90.505; p = 0.000], d = 4.15, disability: [F (1.21) = 107.538; p = 0.000], d = 4.53, ROM (flexion) [F (1.21) = 36.135; p = 0.000], d = 2.62, (extension) [F (1.21) = 11.673; p = 0.003], d = 1.49, (right lateral flexion) [F (1.21) = 25.124; p = 0.000], d = 2.18, (left lateral flexion) [F (1.21) = 14.733; p = 0.001], d = 1.67, (right rotation) [F (1.21) = 4.350; p = 0.049], d = 0.91, (left rotation) [F (1.21) = 9.955; p = 0.005], d = 1.37. **Conclusion:** Based on the findings of this study, it can be concluded that IASTM produced positive clinical effects, but not superior to TLM. IASTM produces a decrease in local pain, disability, and increased ROM in patients with CNP. IASTM can be a therapeutic tool to assist clinicians in the management of manual therapy.

Key words: *Neck Pain, Musculoskeletal Manipulations, Tissue, Subcutaneous, Myofascial Pain Syndrome, Myofascial Release, Instrument-Assisted Soft Tissue Mobilization*.

INTRODUCTION

Musculoskeletal diseases are the second cause of years experiencing some kind of disability worldwide (Sebbag et al., 2019). Within this scenario, the cervical pain is one of the most prevalent diseases; reaching the status of fourth largest contributor to global disability (Hoy et al., 2014). In recent years, there have been several studies on Myofascial pain syndrome (MPS) among patients suffering from neck pain (Fernandez-de-Las-Penas and cols., 2006, 2007).

The treatments of fascial tissues have become increasingly popular in musculoskeletal disorders, which may be due to recent histological findings. The discovery of contractile cells, free nerve endings and mechanoreceptors suggest that fascia, in contrast to previous assumptions, plays a proprioceptive and mechanically active role (Bhattacharya et al.,2010; Stecco et al., 2007; Yahia et al., 1992).

A lot of the encapsulated terminations found in fascia are mechanoreceptors that respond to mechanical pressure or deformation, and include Golgi tendon organs, Pacinian corpuscles and Ruffini corpuscles (Yahia et al., 1992; Stecco 2007; Schleip 2003). Fede et al (2016) demonstrated, for the first time, the presence of cannabinoid receptors in fascial fibroblasts. The presence of receptors in fascial fibroblasts suggests its possible role in the modulation of fascial pain. Different tissue manipulation techniques can stimulate the aforementioned receptors: high-speed spinal manipulation and vibratory techniques are likely to stimulate Pacinian corpuscles, whereas slow-deep soft tissues techniques are likely to reach Ruffini (Kumka and Bonar, 2012).

Instrument Assisted Soft Tissue Mobilization (IASTM) is a treatment used worldwide for myofascial restriction based on the line of reasoning introduced by James Cyriax (Baker et. al, 2015). IASTM is applied using instruments on skin at 30° and 60° angles in order to detect irregularities on soft tissues (Howitt et al., 2006; Sevier et al., 1995). There are several different approaches for IASTM, each of which provides its own tools, certifications or training programs (Scott et al., 2016). It’s possible to observe the effects of IASTM on pain in different clinical conditions. Lee et al. (2016) reported that when IASTM was applied on 30 patients with chronic low back pain for 4 weeks, the pain significantly decreased.

Few studies have been conducted on individuals with chronic neck pain. Braun, M. et al (2011) performed a randomized controlled trial using Gua Sha as treatment in comparison to a thermal therapy after 1 week of follow-up. A single Gua Sha treatment significantly decreased the intensity of pain and improved the disability of patients with chronic neck pain. Another study also observed decreased pain intensity and increased PPT on patients with chronic neck pain after using Gua Sha (Lauche, 2012). Gulick, (2017) also verified the effect on PPT of IASTM on MTP in the upper trapezius after 6 sessions in 3 weeks. The author identified a significant increase in PPT after the treatment compared to the clinical control group.

As far as is known, no randomized controlled trial (RCT) has compared the hypoalgesic effects of IASTM on neck muscles and its impact on disability and mobility; therefore, this study aims to evaluate the effects of IASTM on pain, disability and ROM of individuals with nonspecific chronic neck pain.

METHODS

The study was a single-blind randomised controlled trial, which was prospectively registered with in the International Clinical Trials Registry (ClinicalTrials.gov Identifier: NCT03563079) and received approval from the Ethics and Research Committee of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre (registration number: 2.547.877 - 18/03/2018).

Participants

Participants were recruited from the general public, using electronic announcements, flyers, and Facebook advertising. A randomized single-blind clinical trial was carried out with participation of 23 volunteers (mean age 39 ± 12.4 years; 95.6% women). Inclusion criteria were: Individuals of both sexes, aged between 18 and 60 years, who present as main complaint chronic neck pain, manifested for at least twelve weeks, without irradiation to the upper limbs distally to the shoulders, that present scores in the NPRS (numerical pain rating scale) above 3, NDI (neck disability index) above 30% and Spurling test negative (specificity, 98.53%) (Juyeon et.al, 2017).

Exclusion criteria were: some severe clinical condition (such as fracture, neoplasia or systemic diseases); history of previous surgery in the cervical or thoracic spine; injury due to whiplash trauma in the six months prior to evaluation; diagnosis of cervical stenosis; diagnosis of myelopathy; pregnancy; signs and symptoms of moderate to severe temporomandibular dysfunction, hematoma in the cervical region, burn scars in the cervical region, severe osteoporosis, open lesions or recent ruptures in the cervical region, generalized infections, coagulation disorders, acute inflammatory conditions or fever. Also excluded are patients who have undergone physical therapy or massage up to one month prior to the evaluation. Participants were asked not to take pain-relieving medications.

Stratified randomization in blocks was created to generate balanced groups. Randomization was be performed by a researcher not involved in eligibility determination, baseline assessment and treatment provision. The procedure was adopt with blocks of four and six. Allocation was be stratified by baseline pain intensity in two strata (stratum 1: pain ranging from three to six; stratum 2: pain ranging seven to ten). Concealed allocation was be granted by using numbered, sequentially ordered, sealed opaque envelopes. Both randomization and allocation concealment was follow the procedures described by Doig et al. (2005). Data collection was conducted by a physical therapist who was blinded as to which participants received IASTM or a MRT intervention. After the pretests, 23 participants with NP were randomly allocated to either the IASTM group (n = 13) or the MRT group (n = 10).

Sample Size Determination

The sample size was calculated using MedCalc® 16.4 program, the minimum sample size was calculated by comparing means to allow the detection of differences between two groups submitted to different treatments with a power of 80% and an alpha error of 5%. Using data provided by Huguet, et. al, (2017) for a difference between two groups of 20% and a standard deviation of 0.10 in each group, requiring 20 patients per group, totaling 40 individuals. Allowing a 15% dropout rate, we plan to recruit at least 46 patients.

Outcomes Measures

Assessments at baseline and after intervention were performed by a blind physiotherapist. Socio-demographic data on age, sex, schooling, income, physical activity, self-perception of pain, disability and range of motion were collected in the initial interview. The evaluation was performed before the intervention and 1 week after the end of treatment.

Pain

The primary outcome was the intensity of self-perceived neck pain at rest, verified by a numerical pain rating scale (NPRS) which consists of an 11- point numerical scale (0-10). Test-retest reliability proved to be good (ICC= .76, 95% CI .51-.87) and minimum clinically important difference (MCID) was 2.3 points (Cleland, J.A. et al. 2008 and Olsen, M. F., 2018).

NDI

Another primary outcome was the percentage of the Neck Disability Index, which consists of 10 items -7 related to activities of daily living, 2 related to pain, and 1 related to concentration. Each item is scored from 0 to 5, and the total score is expressed as a percentage (total possible score, 100%), with higher scores corresponding to greater disability. Thresholds for the (MCID) for the NDI were 19-percentage points. Test-retest reliability proved to be good (ICC= .83, 95% CI, .75–.90) (Cleland, J.A. et al. 2008).

Cervical Range of Motion (CROM)

The secondary outcome was evaluated by a Sanny brand pendulum fleximeter. A systematic review has shown that the fleximeter is one of the most widely used tools for measuring cervical ROM (Snodgrass et al, 2014). Test-retest reliability proved to be good (ICC=0,89-0,98).

Interventions

All patients received six treatments according to the designated group. The sessions were held twice a week at least two days apart (Gulick, 2014). Patients were also advised not to use analgesics, muscle relaxants or anti-inflammatory drugs during the study period.

IASTM Group: The treatment was performed using steel IASTM pieces in the cervical spine, bilaterally, in the following muscles: upper trapezius, splenums, middle scalene and sternocleidomastoid (SCM). An established time of 3 minutes was used in each region or if the patient presented with a patch. The instrument was used at a 45º angle. As it was observed, through the instrument, regions of greater adhesion, the researcher would use most of this time to release this condition.

The researcher initially positioned himself behind the patient and was seated, where mobilizations (sweeping) were performed in the Upper Trapezius muscle region. Subsequently, mobilizations were performed for the sternocleidomastoid muscle with the patient in a dorsal decubitus. Afterwards, the mobilizations were performed for the middle scalene muscle with the patient in lateral decubitus, and finally, with the patient in the ventral decubitus position, the mobilizations of the splenius muscles.

MRT group: Like the seated patient, the release of the upper trapezius muscle was performed by starting with slips using a roller with the back of the fingers (Trapezius Roll) and ending with the myofascial pompage of the trapezius (Trapezius Opening) with the patient in the supine position. Later the sternocleidomastoid muscles were released using a roller with the dorsum of the fingers (proximal interphalangeal joints) and myofascial pompage, respectively, bilaterally. Shortly thereafter, techniques were performed for the middle scalene muscles with the patient in the supine position, with sliding with the index, middle and ring fingers, finishing with myofascial pompage, tilting the head to the opposite side. Finally, techniques for the splenius muscles were made with slips with the index and middle fingers, ending with the posterior cervicothoracic release with the patient also in the supine position. The same time of 3 min was used for the treatment in each region bilaterally. Myofascial release techniques were used according to (Earls, J., Myers, T., 2010).

Statistical analyses

Descriptive statistics were calculated for patient demographics data. All calculations are performed after checking the underlying assumptions for parametric or nonparametric testing. Statistically significant differences between NPRS, NDI e CROM measurements, as well as the three conditions are tested with repeated measurements ANOVA with 2 factors (group and time). When the assumption of sphericity was not met, the Greenhouse-Geisser correction was used. For outcome variables with a significant interaction, follow-up Bonferroni-adjusted post hoc tests were used. The within group differences in baseline in pain, disability and ROM were performed using paired t test. A P value < 0.05 was considered significant. All analyses were performed in SPSS Statistics Version 23.0. The effect size was also calculated through Cohen's "d" coefficient. An effect size greater than 0.8 was considered large, less equal to 0.2 small and around 0.5 moderate.

RESULTS

There was no significant difference on the baseline demographic data between groups: gender (t (21) = .872; p = .393), age (t (21) = .126; p = .901), income (p = .399), schooling (p = .516), physical activity (p = .400), psychological diseases (p = .400), NPRS (t (21) = .308; p = .761), NDI (t (21) = .985; p = .336), CROM (t (21) = 1.166; p = .257 (flexion)), p = .940 (extension), p = .423 (right lateral flexion), p = .602 (left lateral flexion), p = .685 (right rotation), p = .816 (left rotation). (table 1).

Table 2 provides before and after treatment session data as well as between groups statistical differences for with 2 factors (group and time) for NPRS, NDI and CROM. After the six treatment session significant differences between groups in the NPRS, NDI and CROM not were found (p > 0.05).

Mixed ANOVA with repeated measurements did not indicate a statistically significant interaction for NPRS: group/time [F (1,21) = 0,110; p = 0,743], effect size d = 0.14, NDI: [F (1,21) = 0,393; p = 0,538], d = 0.27, CROM (flexion) [F (1,21) = 0,655; p = 0,427], d = 0.35, (extension) [F (1,21) = 0,713; p = 0,408], d = 0.36, (right lateral flexion) [F (1,21) = 2,877; p = 0,105], d = 0.74, (left lateral flexion) [F (1,21) = 1,00; p = 0,327], d = 0.43, (right rotation) [F (1,21) = 0,113; p = 0,740], d = 0.14, (left rotation) [F (1,21) = 0,033; p = 0,857], d = 0.08. But the interaction (time) had a significant effect of the groups from the pre to the post treatment and also effect size large for the varivables: NPRS: [F (1,21) = 90,505; p = 0,000], d = 4,15, NDI: [F (1,21) = 107,538; p = 0,000], d = 4.53, CROM (flexion) [F (1,21) = 36,135; p = 0,000], d = 2.62, (extension) [F (1,21) = 11,673; p = 0,003], d = 1.49, (right lateral flexion) [F (1,21) = 25,124; p = 0,000], d = 2.18, (left lateral flexion) [F (1,21) = 14,733; p = 0,001], d = 1.67, (right rotation) [F (1,21) = 4,350; p = 0,049], d = 0.91, (left rotation) [F (1,21) = 9,955; p = 0,005], d = 1.37. (table 2)

Analyzing the percentage of variation between means of NPRS after baseline, IASTM group has shown an decrease of 35,4% immediately after treatment and of 33,0% for MRT group respectively. For NDI after baseline, IASTM group has shown an decrease of 20% immediately after treatment and of 22,6% for MRT group respectively. Minimum clinically important difference and statistically significant differences were observed for the NPRS and NDI outcomes after the intervension.

DISCUSSION

Our study appears to be the first to analyze the effects of IASTM and MRT on levels of pain and disability in patients with chronic neck pain. Our results provide evidence that the six-session treatment with the IASTM induced positive results in levels of self-perception of pain, disability and cervical mobility at a 1-week follow-up. In intergroup analysis, similar results were observed for pain, disability and range of motion after treatment. We found results similar to the study conducted by Gulick (2018) in an RCT that verified the effect of 6 sessions of IASTM on PPT on upper trapezius muscle at 3 weeks of intervention, the author identified a significant effect of treatment on pain threshold and pain levels. Patients with chronic low back pain also benefit from the use of the IASTM, performing 4 weeks of intervention, the pain decreased significantly (Lee, et al., 2016). These patients also improve the flexibility of the hamstrings with the use of the IASTM (Moon et al., 2017). Our results also corroborate with the findings of another RCT in individuals with non-specific thoracic spine pain who underwent

10 interventions with IASTM for 4 weeks compared to joint manipulation and placebo. Outcomes such as pain and disability levels did not have interaction between groups over time at 1 week and 1, 3, 6 and 12 months of follow-up, showing only time effects (Crothers 2016). Another research with 4 weeks of intervention, being 2 per week using IASTM in individuals with chronic ankle instability, was performed in association with dynamic balance training, where the authors did not identify a clinically important improvement in pain levels when compared to other treatments such as IASTM simulated, but there was an important improvement in the function. (Schaefer and Sandrey, 2012). A quasi-experimental study analyzed the effects of a single 10-minute session of IASTM on the activities of mechanosensitive neurons in the skin. The activities of the mechanosensitive neurons were measured before and after the application of the IASTM. The mean of the 2-point discrimination was 40.2 (SD 9.4) mm before the IASTM and increased to 44.9 (SD 12.0) mm after the IASTM. The increase was statistically significant before and after the IASTM. The authors did not find significant differences in relation to the PPT (Ge and Sansone 2017). The effects on pain appear from the second session using IASTM (Fousekis et al., 2016). A study conducted by Daniels and Morrell (2012), the pain was reduced in young soccer players with plantar fasciitis applying the IASTM once a week for 6 weeks. In a case report, patients with subacromial pain syndrome also benefited from hypoalgesic effects on active shoulder flexion, generated by IASTM techniques when applied to the pectoral and periscapular muscles in 3 treatment sessions (Coviello et al., 2017). In 3 studies, the IASTM did not demonstrate clinically important differences in terms of improvement in pain levels in patients with lateral epicondylitis, non-specific thoracic spine pain or low back pain compared to other 6-week treatments at 3, 6 and 12 months follow-up. (Crothers et al., 2016, Moon et al., 2017, Blanchette and Normand, 2011). Merkle et al. (2016) indicated that the application of two sessions of IASTM per week for 3 weeks in healthy collegiate baseball players significantly improved the flexibility of the hamstrings, while Heinecke et al. (2014) mentioned that the application of two sessions of the IASTM per week for 4 weeks to the shoulder area in volleyball players was useful in preventing ROM loss. Decreases in rotator cuff stiffness have been associated with acute ROM gains in baseball players. The 60 asymptomatic players who received IASTM and elongation showed higher ROM gains in the shoulder

(internal rotation, 5 ° ± 2 °, P = .010, total movement arc, 8 ° ± 6 °, P = .010, horizontal adduction, 7 ° ± 2 °, P =, 004, compared to players who received only self-stretching (Bailey et al., 2015). Acute gains from a single IASTM session over ROM are also observed. Statistically significant differences were identified between the IASTM and control, as well as the stretching group increased the ROM of ankle dorsiflexion, which had an effect on the flexibility of the soleus muscle, as evidenced by ROM gains measured with the knee in a flexed position (Rowlett et al. al. 2019). However when compared with manual technique of myofascial release the ROM of the ankle increases more compared to a single intervention of IASTM (Stanek 2018).

Study limitations

The number of participants was one of the limiters of our study. Longer follow-up to verify long-term effects in patients with chronic neck pain. Some variables were not controlled in our study, such as previous levels of catastrophizing pain, fear, avoidance or kinesiophobia levels. Further studies are needed to compare the effects of IASTM with key recommendations from the neck pain clinical practice guidelines.

CONCLUSION

The application of six intervention with IASTM produced clinical positives effects, but not superior to MRT. IASTM produce an decrease in local pain and disability of patiets with cronic neck pain. The effects of IASTM was strong and MRT showed similar response levels for pain and disability. IASTM has positive effects in patients with neck pain and may be a therapeutic tool to assist clinicians in the management of manual therapy, thus reducing mechanical stress of the hands.

Conflicts of interest

None.

Funding

None.

REFERÊNCIAS

Audette, I., Dumas, J.P., Côté, J. N., et al. 2010. Validity and Between-Day Reliability of the Cervical Range of Motion (CROM) Device. journal of orthopaedic & sports physical therapy vol 40 n 5.

Bailey, L.B., Shanley, E., Hawkins, R., et al. 2015. Mechanisms of shoulder range of motion deficits in asymptomatic baseball players. Am J Sports Med, 43, pp. 2783-2793.

Baker, R.T., et al. 2015. A novel approach for the reversal of chronic apparent hamstring tightness: a case report. Int J Sports Phys Ther;10(5):723-733. 2,.

Bhattacharya, V., Barooah, P.S., Bhattacharya, S., 2010. Detail microscopic analysis of deep fascia of lower limb and its surgical implication. Indian J Plast Surg.;43(2):135–140.

Blanchette, M.A., Normand, M.C. 2011. Augmented soft Tissue mobilization vs natural history in the treatment of lateral epicondylitis: a pilot study. J manipulative Physiol Ther.;34(2):123-130.

Braun, M., Schwickert, M., Nielsen, A., et al. 2011. Effectiveness of Traditional Chinese “Gua Sha” Therapy in Patients with Chronic Neck Pain: A Randomized Controlled Trial. Pain Medicine; 12: 362–369.

Cleland, J.A., Childs, J.D., Whitman, J.M. 2008. Psychometric Properties of the Neck Disability Index and Numeric Pain Rating Scale in Patients With Mechanical Neck Pain. Arch Phys Med Rehabil.;89:69-74.

Coviello, J. P.; Kakar, R. S.; Reynolds, T. J. 2017. Short-term effects of instrument-assisted soft tissue mobilization on pain free range of motion in a weightlifter with subacromial pain syndrome. Case report. The International Journal of Sports Physical Therapy, Volume 12, Number 1, Page 144.

Crothers, A.L., French, S.D., Hebert, J.J., et al. 2016. Spinal manipulative therapy, Graston technique® and placebo for non-specific thoracic spine pain: a randomised controlled trial. Chiropr Man Therap, 24, p. 16.

Doig, G.S., Simpson F, 2005. Randomization and allocation concealment: a practical guide for researchers. Journal of Critical Care. 20: 187-91.

Earls, J., Myers, T., 2010. Fascial release for structural balance. Apple Tree Cottage, Inlands Road, Nutbourne. Chichester. Pg. 218-224.

Fede, C., Albertin, G., Petrelli, L., et. al., 2016. Expression of the endocannabinoid receptors in human fascial tissue. Eur J Histochem. 28;60(2):2643.

Fernandes-de-las-penas, C., Alonso-Blando, C., Cuadrado, ML., et.al., 2006. Trigger points in the suboccipital muscles and forward head posture in tension-type headache. Headache.;46:454-460.

Fernandes-de-las-penas, C., Alonso-Blando, C., Miangolarra, J.C., 2007. Myofascial trigger points in subjects presenting with mechanical neck pain: a blinded, controlled study. Manual Therapy 12 29–33.

Fousekis, K., Kounavi, E., Doriadis, S., et al. 2016. The Effectiveness of Instrument-assisted Soft Tissue Mobilization Technique (Ergon© Technique), Cupping and Ischaemic Pressure Techniques in the Treatment of Amateur Athletes´ Myofascial Trigger Points. J Nov Physiother, S3:009.

Ge, W., Roth, E., Sansone, A. 2017. A quasi-experimental study on the effects of instrument assisted soft tissue mobilization on mechanosensitive neurons. J. Phys. Ther. Sci. 29: 654–657.

Gulick, D.T., 2017. Instrument-assisted soft tissue mobilization increases myofascial trigger point pain threshold**.** Journal of Bodywork & Movement Therapies. 1e5.

Gulick, D.T., 2018. Instrument-assisted soft tissue mobilization increases myofascialtrigger point pain threshold. Journal of Bodywork & Movement Therapies 22, 341e 345.

Howitt, S., Wong, J., Zabukovec, S., 2006. The conservative treatment of Trigger thumb using Graston Techniques and Active Release Techniques. J Can Chiropr Assoc; 50:249-254.

Hoy, D., Marck, L., Woolf, A., et al., 2014. The global burden of neck pain: estimates from the Global Burden of Disease 2010 study. Ann Rheum Dis.;73:1309---1315.

Huguet, R.M., et. al. 2017. Effects of Myofascial Release on Pressure Pain Thresholds in Patients With Neck Pain. A Single-Blind Randomized Controlled Trial. American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation • Volume 00, Number 00, Month.

Juyeon, P., Woo, Y. P., Seungbae, H., 2017. Diagnostic Accuracy of the Neck Tornado Test as a New Screening Test in Cervical Radiculopathy. Int. J. Med. Sci., Vol. 14.

Kumka, M., Bonar, J., 2012. Fascia: a morphological description and classification system based on a literature review. J Can Chiropr Assoc; 56(3).

Lauche, R., Wubbeling, K., Lüdtke, R., et. al., 2012. Randomized Controlled Pilot Study: Pain Intensity and Pressure Pain Thresholds in Patients with Neck and Low Back Pain Before and After Traditional East Asian “Gua Sha” Therapy. The American Journal of Chinese Medicine, Vol. 40, No. 5, 905–917.

Lee, J.H., Lee, D.K,. 2016. The effect of Graston technique on the pain and range of motion in patients with chronic low back pain. J Phys Ther Sci ;28:1852-1855.

Moon, J. H.; Jung, J. H.; Won, Y. S. et al. 2017. Immediate effects of Graston Technique on hamstring muscle extensibility and pain intensity in patients with nonspecific low back pain. J. Phys. Ther. Sci. 29: 224–227.

Olsen, M. F., Bjerre, E., Hansen, M. D. 2018. Minimum clinically important differences in chronic pain vary considerably by baseline pain and methodological factors: systematic review of empirical studies. Journal of Clinical Epidemiology Vol 101,Pages 87-106.e2.

Rowlett, C.A., Hanney, W.J., Pabian, P.S., et al. 2019. Efficacy of instrument-assisted soft tissue mobilization in comparison to gastrocnemius-soleus stretching for dorsiflexion range of motion: a randomized controlled trial. J Bodyw Mov Ther 23, 233e240.

Schaefer, J.L., Sandrey, M.A. 2012. Effects of a 4-week dynamic-balance-training program supplemented with Graston instrument-assisted soft-tissue mobilization for chronic ankle instability. J Sport Rehabil, 21, pp. 313-326.

Schileip, R., 2003. Fascial plasticity—a new neurobiological explanation: Part 1: J Bodyw Mov Ther., 7(1):11–19.

Scott, J.E., Heatley, F., 2002. Biological properties of hyaluronan in aqueous solution are controlled and sequestered by reversible tertiary structures, defined by NMR spectroscopy. Biomacromolecules 3(3):547–553,.

Sebbag, E., Felten, R., Sagez, F., et al., 2019. The world-wide burden of musculoskeletal diseases: a systematic analysis of the World Health Organization Burden of Diseases Database. Ann Rheum Dis; 78:844–848.

Sevier, T.L., et. al., 1995. Traditional physical therapy vs Graston Technique augmented soft tissue mobilization in treatment of lateral epicondylitis. J. Am. Coll. Sports Med. 27 (5),.

Snodgrass, S.J., et.al. 2014. The clinical utility of cervical range of motion in diagnosis, prognosis, and evaluating the effects of manipulation: a systematic review. Physiotherapy. Dec;100(4):290-304.

Stanek, J., Sullivan, T., Davis, S. 2018. Comparison of compressive myofascial release and the Graston technique for improving ankle-dorsiflexion range of motion. J Athl Train, 53, pp. 160-167.

Stecco, C., et al., 2007. Anatomy of the deep fascia of the upper limb. Second part: study of innervation. Morphologie; 91:38-43.

Yahia, L., Rhalmi, S., Newman, N., et al., 1992. Sensory innervation of human thoracolumbar fascia. An immunohistochemical study. Acta Orthop Scand. Apr;63(2):195-7.

ANEXOS

ANEXO A- Table 1: Baseline Demographics data for the 2 groups*.

Variables	Groups IASTM (13)	MFT (10)	p value
Gender (male/female)	1/12	0/10	0.393
Age (years)	38,9 ± 12,7	39,6 ± 12,8	0.901
Income (wage)			
1 to 3 (%)	61,5 (8)	80 (8)	0.399
3 to 6 (%)	23,1 (3)	20 (2)	
6 to 10 (%)	15,4(2)	0	
Scholling			
Elementary school (%)	7,7(1)	10(1)	0.516
High school(%)	53,8(7)	30(3)	
Higher education(%)	38,5(5)	60(6)	
Physical activity			
Yes(%)	15,4(2)	30(3)	0.400
No(%)	84,6(11)	70(7)	
Psychological diseases			
Yes(%)	15,4(2)	30(3)	0.400
No(%)	84,6(11)	70(7)	
NPRS (score range 0–10)	6,1±0,98	6,0±1,41	0.761
Disability (NDI)(%)	37,62±7,81	41,65±11,7	0.336
CROM (flexion)(°)	49,4±11,0	43,7±12,6	0.257
CROM (extension)(°)	51,5±10,4	51,1±12,3	0.940
CROM (right lateral flexion)(°)	37,5±10,0	40,8±8,88	0.423
CROM (left lateral flexion)(°)	38,0±10,5	40,1±8,22	0.602
CROM (right rotation)(°)	55,4±11,0	57,4±12,2	0.685
CROM (left rotation)(°)	56,0±9,7	54,7±15,6	0.816

Abbreviations: NPRS, 11-point numerical pain rating scale; NDI, Neck Disabilty Index; CROM, Cervical Range of Motion.

* Data are mean + SD, except for gender, income, schooling, physical activity and psychological diseases.

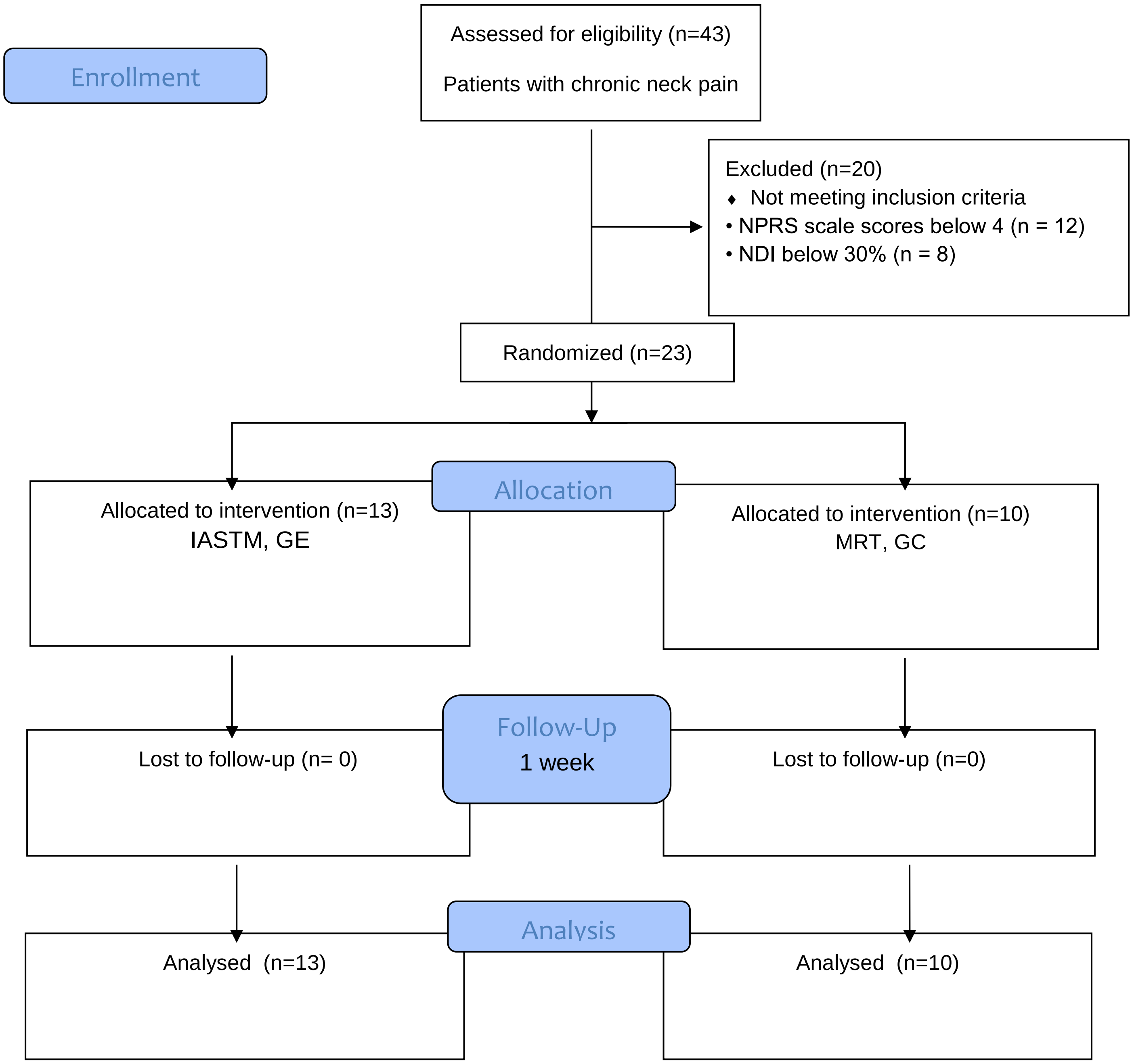
p-value of independent T-test analysis.

ANEXO B - Table 2: Preintervention**,** and 1 week follow-up data*

Variables	Groups		p value		d
	IASTM (13)	*MFT (10)*	p†	p‡	
NPRS (score range 0–10)					
Pre	6,1±0,98	6,0±1,41	0.761		
1week post	2,6±1,32	2,7±1,82	0,743	0,000	4,15
Disability (NDI)(%)					
Pre	37,62±7,81	41,65±11,7	0.336		
1week post	17,60±9,65	19,06±9,53	0,538	0,000	4,53
CROM (flexion)(°)					
Pre	49,4±11,0	43,7±12,6	0.257		
1week post	59,23±12,16	56,49±9,35	0,427	0,000	2,62
CROM (extension)(°)					
Pre	51,5±10,4	51,1±12,3	0.940		
1week post	65,91±13,94	59,86±12,79	0,408	0,003	1,49
CROM (right lateral flexion)°					
Pre	37,5±10,0	40,8±8,88	0.423		
1week post	46,44±11,79	45,23±10,46	0,105	0,000	2,18
CROM (left lateral flexion)(°)					
Pre	38,0±10,5	40,1±8,22	0.602		
1week post	47,86±14,92	45,93±7,65	0,327	0,001	1,67
CROM (right rotation)(°)					
Pre	55,4±11,0	57,4±12,2	0.685		
1week post	61,73±10,95	61,99±11,73	0,740	0,049	0,91
CROM (left rotation)(°)					
Pre	56,0±9,7	54,7±15,6	0.816		
1week post	64,32±12,98	64,09±10,23	0,857	0,005	1,37

* Date are mean + SD for preintervention, and 1 week postintervention follow-up.
† p-value of independent T-test analysis at baseline;
Mixed Anova for repeated measures (inter-group) – post hoc Bonferroni p<.05 for interaction group-by-time - 1 week follow-up.
‡ interaction effect (time) - pre and post.
Cohen's d "": effect size.

ANEXO C - Figure 1. FLOW DIAGRAM OF SUBJECTS



ANEXO D – Parecer do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Efeitos da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor e incapacidade em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. Um ensaio clínico randomizado.

Pesquisador: Marcelo Faria Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 79923917.8.0000.5345

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.547.877

Apresentação do Projeto:

INTRODUÇÃO: A dor cervical é uma condição clínica muito comum na população mundial, podendo chegar a afetar 70% das pessoas em algum
momento da vida. Muitas dessas condições são provenientes de alterações músculo-esqueléticas, podendo essas serem causadas por disfunções
miofasciais. A mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) pode ser uma ferramenta terapêutica importante como meio de
tratamento sob essas condições. OBJETIVO: Verificar o efeito da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor,
incapacidade e ADM em indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. DELINEAMENTO: Ensaio Clínico Randomizado. MÉTODOS: A amostra
será composta por 46 indivíduos voluntários com dor cervical crônica inespecífica de ambos os sexos, com idade entre 18 e 60 anos, que
apresentem dor manifestada há pelo menos doze semanas, sem irradiação para os membros superiores distalmente aos ombros. Desses, os que
não forem excluídos, serão alocados randomicamente em um dos dois grupos presentes: Grupo Experimental (GE) - IASTM na região cervical e
Grupo Controle (GC) – Liberação Miofascial manual na região cervical. Um avaliador cegado será

designado para conduzir o processo de avaliação
de ambos os grupos. DESFECHOS: Os desfechos serão a dor cervical, a incapacidade da coluna cervical e a amplitude de movimento da coluna
cervical.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar o efeito da mobilização de tecidos moles assistida por instrumentos (IASTM) na dor, incapacidade e ADM em indivíduos com cervicalgia
crônica inespecífica.

Objetivo Secundário:

Caracterização de indivíduos com cervicalgia crônica inespecífica. Descrever e comparar, nos momentos pré-intervenção, pós-intervenção num
período de 3 semanas de acompanhamento, a intensidade de dor cervical utilizando a escala numérica de dor (END); a autopercepção de
incapacidade utilizando o Neck Disability Index (NDI); as amplitudes de movimento (ADM) da coluna cervical – flexão, extensão, rotações e
inclinações direita e esquerda através de um flexímetro pendular.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Riscos: Devido aos movimentos realizados pelos instrumentos nos músculos, deverá haver desconforto muscular no momento da realização, bem
como, poderá haver desconforto até 3 dias após o tratamento, porém isso é uma resposta normal do tratamento

Benefícios:

Benefícios: O uso dos instrumentos, em oposição às mãos do Fisioterapeuta, traz benefícios por proporcionar uma vantagem mecânica ao clínico
permitindo uma penetração mais profunda e possivelmente aumentando a especificidade da aplicação do tratamento, enquanto promove a redução
do estresse manual ao terapeuta imposto pelos tratamentos manuais. Para o paciente: Diminui o tempo total de tratamento, redução da dor,
promove uma reabilitação / recuperação mais rápida, reduz a necessidade de medicação anti-inflamatória e resolve problemas crônicos

considerados permanentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Carta resposta com todas as adequações requeridas na primeira análise:No projeto, na página 13 no item 6.1 foi realizada a correção do termo equivocado "multicêntrico" para unicêntrico, devido a pesquisa ser realizada somente em um local, na cidade de Viamão. No projeto, na página 14 foi inserido o item 6.4.3 colocando os riscos e benefícios conforme solicitação. No cronograma, na página 20 foi mencionado que somente serão recrutados os pacientes após a aprovação do projeto perante o CEP. No TCLE, na página 25 foi retirado o termo ANEXO B, assim como, foi apresentado somente uma vez o título "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido". Também conforme solicitação, foideslocado para o final na página 27 o trecho do TCLE onde solicita ao participante colocar seus dados de identificação, da mesma forma ao qual foi retirado a inserção para os números de RG e CPF do participante. Foram reavaliados os termos e enfatizado o convite de forma mais clara. Foidescrito claramente os riscos e benefícios e as providências cautelares para evitar efeitos adversos. Foi acrescentado no início da página 26 a garantia do ressarcimento e cobertura das despesas tidas pelos participantes, assim como, indenização para eventuais danos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE e demais termos adequados

Recomendações:

Aprovar

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer do Relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1031820.pdf	16/01/2018 12:59:21		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO2.docx	16/01/2018 12:52:18	Marcelo Faria Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido3.docx	16/01/2018 12:51:30	Marcelo Faria Silva	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE

Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido3.docx	16/01/2018 12:51:30	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	23/12/2017 17:59:41	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	AXEXO_E_folder_divulgacao.pdf	23/12/2017 17:35:01	Marcelo Faria Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Efeitos_da_mobilizacao_de_tecidos_moles_assistida2.docx	23/12/2017 17:32:42	Marcelo Faria Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	23/12/2017 17:30:07	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_D_Neck_Disability_Index.pdf	13/11/2017 16:36:31	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_C_Escala_Numerica_de_Dor.pdf	13/11/2017 16:36:05	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_A_questionario.pdf	13/11/2017 16:35:28	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	relatorio.pdf	13/11/2017 16:19:16	Marcelo Faria Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuencia.pdf	13/11/2017 16:13:52	Marcelo Faria Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_assinada.pdf	13/11/2017 16:09:36	Marcelo Faria Silva	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PORTO ALEGRE, 16 de Março de 2018

Assinado por:
ELIANE DALLEGRAVE
(Coordenador)

ANEXO E: Normas de formatação do periódico

ELSEVIER

MUSCULOSKELETAL SCIENCE AND PRACTICE

AUTHOR INFORMATION PACK

TABLE OF CONTENTS

ISSN: 2468-8630

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.
To find out more, please visit the Preparation section below.

INTRODUCTION

The journal editors, Ann Moore and Gwen Jull, welcome the submission of papers for publication.

Submission to this journal proceeds totally online at https://www.evise.com/profile/api/navigate/YMATH . Use the following guidelines to prepare your article.
You will be guided stepwise through the creation and uploading of the various files. The system automatically converts source files to a single Adobe Acrobat PDF version of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail and via the Author's homepage, removing the need for a hard-copy paper trail.

Manuscript Categories and Word Counts

Manuscripts should not exceed the following word counts:

Original Research Articles using quantitative data - 3500 words (Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).

Original Research Articles using qualitative data - 4000 words ((Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).

Reviews - 3500 words, but Systematic Reviews may be longer, up to 4000 words (Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).

Professional Practice - 2000 words (Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).
Technical and Measurement Notes - 2000 words (Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).
Masterclass - 4000 words (Structured Abstract (up to 250 words)and Keywords are not included in the word count. 'In-text' references are included in the word count).
Letters to the Editor - 500 words (This word count includes the references contained within the article.)

Submitting a Masterclass

In keeping with the ethos and standards inherent in *Musculoskeletal Science and Practice*, Masterclasses must show depth, rigour, originality and high standards of presentation. The purpose of the Masterclass section is to describe in detail clinical aspects of conservative musculoskeletal interventions. This may relate to specific treatment techniques, a particular management approach or management of a specific clinical entity. Masterclasses are showcase articles and authors are normally invited to write a masterclass paper because of their significant expertise in a relevant area. However if an author feels that they have a topic that would be appropriate for a masterclass and have recognised expertise in the field, the author should contact Karen Beeton (contact details below) before submitting the paper to ascertain that the proposed topic and content will be suitable and meets requirements. Opinion papers should be submitted as a Professional Issue. The article should be a maximum of 4000 words in length excluding references. An abstract should precede the main body of the article and provide an overview of the contents. This should be presented using the following sub headings: **Introduction** (setting the scene and introducing the topic) **Purpose** (what is the purpose/ aim of the masterclass, what is going to be discussed) **Implications**(for practice) The introduction should review the relevant literature and put the subject matter into context. The main body of the text will describe the technique or approach in detail. Clinical indications and contraindications should be outlined where relevant. Illustrations are considered an essential part of the Masterclass in order to fully inform the reader and a minimum of six photographs or line drawings are required. The topic should have clear application to clinical or professional practice. This sets a masterclass apart from a narrative review paper.

Case studies are often very valuable in order to illustrate the theoretical principles discussed within the masterclass. If the word limit precludes the inclusion of a case study within the body of the masterclass then a case study can be submitted as a separate paper alongside the masterclass and will be published on-line only.

In addition, authors may wish to include supplementary material which will be available online only. This may include, for example, podcasts, videoclips, animation sequences, high-resolution colour images, author reflections on the masterclass, and background datasets. - please visit the Guide for Authors for further details at https://www.journals.elsevier.com/musculoskeletal-science-and-practice

The masterclass should be submitted electronically via the journal website https://www.journals.elsevier.com/musculoskeletal-science-and-practice

All masterclasses are assessed by two reviewers.

For further information please contact:

Dr Karen Beeton

Department of Allied Health Professions and Midwifery

School of Health and Social Work

University of Hertfordshire,

College Lane,

Hatfield.

Herts AL10 9AB

U.K.

Tel 01707 284114

Email: K.S.Beeton@herts.ac.uk

Submission checklist

You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address

All necessary files have been uploaded:
Manuscript:
• Include keywords
• All figures (include relevant captions)
• All tables (including titles, description, footnotes)
• Ensure all figure and table citations in the text match the files provided
• Indicate clearly if color should be used for any figures in print
Graphical Abstracts / Highlights files (where applicable)
Supplemental files (where applicable)

Further considerations
• Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
• All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
• A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
• Journal policies detailed in this guide have been reviewed
• Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements

For further information, visit our Support Center.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Studies in humans and animals

If the work involves the use of human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans. The manuscript should be in line with the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing and Publication of Scholarly Work in Medical Journals and aim for the inclusion of representative human populations (sex, age and ethnicity) as per those recommendations. The terms sex and gender should be used correctly.

Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed.

All animal experiments should comply with the ARRIVE guidelines and should be carried out in accordance with the U.K. Animals (Scientific Procedures) Act, 1986 and associated guidelines, EU Directive 2010/63/EU for animal experiments, or the National Institutes of Health guide for the care and use of Laboratory animals (NIH Publications No. 8023, revised 1978) and the authors should clearly indicate in the manuscript that such guidelines have been followed. The sex of animals must be indicated, and where appropriate, the influence (or association) of sex on the results of the study.

Declaration of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential competing interests include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. Authors must disclose any interests in two places: 1. A summary declaration of interest statement in the title page file (if double-blind) or the manuscript file (if single-blind). If there are no interests to declare then please state this: 'Declarations of interest: none'. This summary statement will be ultimately published if the article is accepted. 2. Detailed disclosures as part of a separate Declaration of Interest form, which forms part of the journal's official records. It is important for potential interests to be declared in both places and that the information matches. More information.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check.

Use of inclusive language

Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Articles should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader, should contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of race, sex, culture or any other characteristic, and should use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, for instance by using 'he or she', 'his/her' instead of 'he' or 'his', and by making use of job titles that are free of stereotyping (e.g. 'chairperson' instead of 'chairman' and 'flight attendant' instead of 'stewardess').

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted. Each author is required to declare his or her individual contribution to the article: all authors must have materially participated in the research and/or article preparation, so roles for all authors should be described. The statement that all authors have approved the final article should be true and included in the disclosure in the covering letter.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.
Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Contributors

All those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proofreading the article, etc.) that do not meet criteria for authorship should be acknowledged in the paper.

Reporting guidelines

To improve the quality of reporting of other categories of research, *Musculoskeletal Science and Practice* supports the initiatives available through the EQUATOR Network (Enhancing the Quality and Transparency Of health Research) which houses a database of all reporting guidelines for health research (http://www.equator-network.org).

All authors of research articles and reviews are required to complete and submit a brief Author Checklist along with a checklist from the appropriate reporting guideline together with your paper as a guide to the editors and reviewers of your paper. The Author Checklist is available at http://cdn.elsevier.com/promis_misc/checklist (3).doc and the checklist for each reporting guideline can be found on the EQUATOR website.

Randomised (and quasi-randomised) controlled trial - CONSORT - Consolidated Standards of Reporting Trials, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/consort/
Study of Diagnostic accuracy/assessment scale - STARD - Standards for the Reporting of Diagnostic Accuracy Studies, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/stard/
Systematic Review of Controlled Trials - PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/prisma/
Observational studies in epidemiology - STROBE - Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/strobe/
Statistical reporting - SAMPL - Statistical Analyses and Methods in the Published Literature, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/sampl/

Qualitative researchers might wish to consult the guideline listed below: Qualitative studies - COREQ - Consolidated criteria for reporting qualitative research http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/coreq/

Researchers reporting interventions in any evaluative study, including RCTs, should consult the template for intervention description and replication (TIDieR) checklist and guide, http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/tidier/

Use of the TIDieR checklist can guide authors to describe their interventions better and, consequently, help clinicians and journal readers to use the interventions, and researchers to synthesise and replicate the evidence. *Musculoskeletal Science and Practice* will request authors to incorporate the TIDieR statement into their manuscript processing workflow. Submitting authors are encouraged to use the TIDieR checklist to ensure that any interventions described in their manuscript are fully reported. However, submitting authors will not be required to submit the checklist. Authors are requested to refer further to the recent Editorial - "The TIDieR checklist will benefit the physiotherapy profession", http://www.manualtherapyjournal.com/article/S1356-689X(16)30022-4/fulltext.

For Mixed Methods Research, authors should use: GRAMM -Good Reporting of A Mixed Methods Study by OCathain et al. (2008).
Describe the justification for using a mixed methods approach to the research question.
Describe the design in terms of purpose ,priority and sequence of methods.
Describe each methods in terms of sampling, data collection and analysis.
Describe where integration has occurred , how it has occurred and who has participated in it.
Describe any limitation of one method associated with the presence of the other method.
Describe any insights gained from mixing or integrating methods.

Registration of clinical trials

Musculoskeletal Science and Practice has adopted the proposal from the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) (see Editorial: Clinical trial registration in physiotherapy journals: Recommendations from the International Society of Physiotherapy Journal Editors), which require, as a condition of consideration for publication of clinical trials, registration in a public trials registry. **Trials must be registered before any patient enrolment.** The clinical trial registration number should be included at the end of the abstract of the article. For this purpose, a clinical trial is defined as any research project that prospectively assigns human subjects to intervention or comparison groups to study the cause and effect relationship between a medical intervention and a health outcome. Studies designed for other purposes, such as to study pharmacokinetics or major toxicity (e.g. phase I trials) would be exempt. Further information can be found at http://www.icmje.org. Authors will be asked to state the trial registration number during the submission system as well as at the end of the manuscript file.

Reporting randomized controlled trials

Randomized controlled trials should be presented according to the CONSORT guidelines. At manuscript submission, authors must provide the CONSORT checklist accompanied by a flow diagram that illustrates the progress of patients through the trial, including recruitment, enrolment, randomization, withdrawal and completion, and a detailed description of the randomization procedure. The CONSORT checklist and template flow diagram can be found on http://www.consort-statement.org.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For gold open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of gold open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Language (usage and editing services)
Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop.

Informed consent and patient details
Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed consent, which should be documented in the paper. Appropriate consents, permissions and releases must be obtained where an author wishes to include case details or other personal information or images of patients and any other individuals in an Elsevier publication. Written consents must be retained by the author but copies should not be provided to the journal. Only if specifically requested by the journal in exceptional circumstances (for example if a legal issue arises) the author must provide copies of the consents or evidence that such consents have been obtained. For more information, please review the Elsevier Policy on the Use of Images or Personal Information of Patients or other Individuals. Unless you have written permission from the patient (or, where applicable, the next of kin), the personal details of any patient included in any part of the article and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission.

Permissions Information
Written permission to produce borrowed materials (quotations in excess of 100 words, illustrations and tables) must be obtained from the original copyright holders and the author(s), and submitted with the manuscript. Borrowed materials should be acknowledged in the captions as follows: 'Reproduced by kind permission of (publishers) from (reference)'.

Submission
Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submit your article
Please submit your article via https://www.evise.com/profile/api/navigate/YMATH .

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS
Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.
As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements
There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.
If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.
Divide the article into clearly defined sections.

Figures and tables embedded in text
Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file. The corresponding caption should be placed directly below the figure or table.

Authors should also ensure that the place of origin of the work or study, and/or the organization(s) that have been involved in the study/development are not revealed in the manuscript – "X" can be used in the manuscript and details can be completed if the manuscript is processed further through the publication process.

Double-blind review
This journal uses double-blind review, which means that both the reviewer and author name(s) are not allowed to be revealed to one another for a manuscript under review. The identities of the authors are concealed from the reviewers, and vice versa. More information is available on our website. To facilitate this, please include the following separately:
Title page (with author details): This should include the title, authors' names and affiliations, and a complete address for the corresponding author including an e-mail address. Twitter handles for one, or all, authors may also be included on the Title Page.
Blinded manuscript (no author details): The main body of the paper (including the references, figures, tables and any Acknowledgements) should not include any identifying information, such as the authors' names or affiliations.

Peer review

This journal operates a double blind review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then typically sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. More information on types of peer review.

Double-blind review

This journal uses double-blind review, which means the identities of the authors are concealed from the reviewers, and vice versa. More information is available on our website. To facilitate this, please include the following separately:
Title page (with author details): This should include the title, authors' names, affiliations, acknowledgements and any Declaration of Interest statement, and a complete address for the corresponding author including an e-mail address.
Blinded manuscript (no author details): The main body of the paper (including the references, figures, tables and any acknowledgements) should not include any identifying information, such as the authors' names or affiliations.

Article structure
Your article should be typed on one side of the paper, double spaced with a margin of at least 3cm. Do not use 'he', 'his' etc. where the sex of the person is unknown; say 'the patient' etc. Avoid inelegant alternatives such as 'he/she'. Avoid sexist language.

Use of word processing software
Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Subdivision

Divide your article into clearly defined sections. Each subsection is given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line. Headings should be appropriate to the nature of the paper. The use of headings enhances readability. Three categories of headings should be used:
• Major headings should be typed in capital letter in the centre of the page and underlined
• Secondary headings should be typed in lower case (with an initial capital letter) in the left hand margin and underlined
• Minor headings should be typed in lower case and italicised

Papers should be set out as follows, with each section beginning on a separate sheet: **title page, abstract, text with tables, captions and illustrations, acknowledgments and references.**

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. You can add your name between parentheses in your own script behind the English transliteration. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. This responsibility includes answering any future queries about Methodology and Materials. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**

• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Structured abstract

A structured abstract, by means of appropriate headings, should provide the context or background for the research and should state its purpose, basic procedures (selection of study subjects or laboratory animals, observational and analytical methods), main findings (giving specific effect sizes and their statistical significance, if possible), and principal conclusions. It should emphasize new and important aspects of the study or observations.

The abstract should consist of 250 words summarising the content of the article. Structured abstracts should be used for Original Research, Reviews and Masterclasses. The structure for Original Research and Reviews should be: Background, Objectives, Design, Method, Results/findings, Conclusions. The structure for Masterclasses should be: Introduction (setting the scene and introducing the topic), Purpose (what is the purpose/aim of the masterclass, what is going to be discussed), Implications (for practice).

The structure for Masterclasses should be: Introduction (setting the scene and introducing the topic), Purpose (what is the purpose/aim of the Masterclass, what is going to be discussed), Implications (for practice).

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords. The purpose of these is to increase the likely accessibility of your paper to potential readers searching the literature. Therefore, ensure keywords are descriptive of the study. Refer to a recognised thesaurus of keywords (e.g. CINAHL, MEDLINE) wherever possible.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Illustration services
Elsevier's WebShop offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables
Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules and shading in table cells.

References
Citation in Text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full.

Citation of material currently under consideration elsewhere (e.g. "under review" or "submitted") is not accepted.

Reference links
Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is highly encouraged.

A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, https://doi.org/10.1029/2001JB000884. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Data references
This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley. Using citation plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide. If you use reference management software, please ensure that you remove all field codes before submitting the electronic manuscript. More information on how to remove field codes from different reference management software.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/manual-therapy
When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference Style

In-text citations:
All citations in the text should refer to:

1. Single author: the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. Two authors: both authors' names and the year of publication;
3. Three or more authors: first author's name followed by "et al." and the year of publication.

Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first chronologically, then alphabetically.

Examples:
"...sensitivity and variable specificity (Kerry and Rushton, 2003; Gross et al., 2005; Ritcher and Reinking, 2005)"

Bibliographic List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters "a", "b", "c", etc., placed after the year of publication.

Examples:

Reference to a journal publication:
Chien A, Sterling M. Sensory hypoaesthesia is a feature of chronic whiplash but not chronic idiopathic neck pain. Manual Therapy 2010; 15(1): 48-53.

References to a book:
Richardson CA, Jull G, Hodges P, Hydes J. Therapeutic exercise for spinal segmental stabilisation in low back pain. 1st ed. Edinburgh: Churchill Livingstone; 1999. p. 1-170.

Reference to a chapter in an edited book:
Toupet M, Gage P, Heuschen S. Vestibular patients and aging subjects lost use of visual input and expend more energy in static postural control. In: Vellas B, Toupet M, Rubenstein L, et al., editors. Balance and gait disorders in the elderly. Paris: Elsevier; 1988. p. 183-98.

Note shortened form for last page number. e.g., 51-9. For further details you are referred to "Uniform Requirements for Manuscripts submitted to Biomedical Journals" (J Am Med Assoc 1997;277:927-34), see also http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html

Journal abbreviations source
Journal names should be abbreviated according to
Index Medicus journal abbreviations: http://www.nlm.nih.gov/tsd/serials/lji.html;
List of title word abbreviations: http://www.issn.org/2-22661-LTWA-online.php